

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA

DIEGO TEIXEIRA DE SOUZA

(RE)VISITANDO AS EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS
EM ESTUDOS SOBRE A LIBRAS

SÃO LEOPOLDO

2014

DIEGO TEIXEIRA DE SOUZA

**(RE)VISITANDO AS EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS
EM ESTUDOS SOBRE A LIBRAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PPGLA, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cátia de Azevedo Fronza

SÃO LEOPOLDO

2014

S729r Souza, Diego Teixeira de.
(Re)visitando as expressões não-manuais em estudos sobre a LIBRAS / Diego Teixeira de Souza. – 2014.
99 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2014.
"Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cátia de Azevedo Fronza."

1. Linguística aplicada. 2. Fonologia. 3. Língua brasileira de sinais. I. Título.

CDU 81'33

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

DIEGO TEIXEIRA DE SOUZA

“(RE)VISITANDO AS EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS EM ESTUDOS SOBRE A LIBRAS”

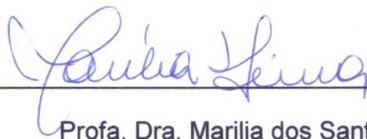
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

Aprovado em 27 de agosto de 2014

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp (UFRGS)



Profa. Dra. Marília dos Santos Lima (UNISINOS)



Profa. Dra. Cátia de Azevedo Fronza (UNISINOS)

Ao meu pai, Orestes Reis de Souza
(in memoriam), pelos ensinamentos, pelos ótimos
momentos, pela criação e pelas virtudes passadas
a mim.

AGRADECIMENTOS

Geralmente, esta deveria ser a última página a ser escrita; no entanto, não foi. Em meio a esta viagem que embarquei, agradecimentos não faltarão; porém peço desculpas se eu não mencionar todas as pessoas que me ajudaram nesta trajetória.

Um dos meus mais sinceros agradecimentos vai a Deus e ao seu Filho, pela realização deste sonho e por guiar-me nos caminhos da vida.

Não só agradeço, mas também dedico uma parte da minha vida à minha esposa. Mônica: não sabes o quanto estou emocionado ao escrever este trecho. Tu estás me fazendo o homem mais feliz do mundo com este “pedacinho nosso” que estás carregando; não há nada no mundo que pague este momento que estamos vivendo.

Ainda que estejas no pequeno abrigo materno, João Pedro, sem saber, tu deixaste este momento final do mestrado mais leve e descontraído. Um dia lerás isto e terás a certeza do quando eu te amo, meu filho!

À minha mãe, Cleusa, e ao meu irmão, Tiago, pelo companheirismo, pela amizade, pela união e pela compreensão da minha “ausência” nestes 24 meses de mestrado. Passamos muitas coisas nestes últimos dois anos, porém soubemos passar por cima de todas elas graças aos nossos valores.

À Cátia de Azevedo Fronza, grande orientadora, pelos ensinamentos, pela paciência e por guiar-me pelos estudos linguísticos. Nunca esquecerei a maneira como me recebeste no dia em que, mesmo sem ser aluno regular do PPGLA, fui à Unisinos conversar contigo sobre a minha pequena ideia; e aqui estamos.

Aos meus grandes amigos, Débora e Fernando, por escutarem minhas angústias neste percurso e por terem dado a mim e à Mônica a honra de sermos padrinhos da pequena Maria Fernanda. “Pequena”, também estiveste presente em toda a trajetória; gosto de falar que a dissertação nasceu contigo, pois, quando tua mãe estava grávida de ti, o dindo estava ingressando no mestrado.

À direção da Escola Técnica Irmão Pedro: Andreia, Mara, Raquel e Susana, pela compreensão e pelas grandes ajudas dadas a mim neste percurso.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos, pelo estímulo dado aos estudantes.

À Valéria da Fontoura Cabral, funcionária da secretaria do PPGLA, pela dedicação e educação que possui para com os alunos.

E, finalmente, aos professores Rove Chishman e Anderson Bertoldi, pelos ensinamentos, pela dedicação e por me apresentarem à Semântica de Frames.

“Doravante considere uma língua(gem) como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos.”

Noam Chomsky

RESUMO

Este trabalho constitui-se em uma investigação acerca das expressões não-manuais da Libras, com destaque a seu papel fonológico nesse sistema linguístico. O objetivo do estudo é fornecer um levantamento de pesquisas que investigaram (direta ou indiretamente) as expressões não-manuais da Libras, com o intuito de traçar um panorama acerca do que é dito e estudado sobre tal especificidade linguística. A fim de oferecer uma visão panorâmica quanto a esse foco, consideraram-se vinte e nove obras, divididas em artigos, dissertações, livros, manuais, monografias e teses. Com esse material, discussões e comparações foram realizadas, evidenciando como as expressões não-manuais vêm sendo abordadas por pesquisadores brasileiros. Alguns estudiosos, como Araújo (2013), Brito (2010), Ekman (2003), Karnopp (1994) e Reilly (2006), entre outros, possibilitaram a base teórica que contribuiu para delinear o cenário aqui apresentado em relação a abordagens sobre expressões não-manuais na Libras. Entre as constatações desta pesquisa, destaca-se que as informações e/ou abordagens apresentadas pelos estudos, em grande parte, são circulares, isto é, trazem poucas informações novas, muitas vezes apenas retomando as já existentes. Ao mesmo tempo, é preciso ressaltar que investigações nesta área são recentes, e os estudos que abordam esta temática parecem trazer conceitos difusos e/ou insuficientes sobre tais expressões. Em razão disso, mais e novas investigações sobre o tema merecem ser implementadas.

Palavras-chave: Libras. Fonologia. Expressões não-manuais.

RESUMEN

Este estudio investigativo trae una pesquisa sobre las expresiones no-manuales de la Lengua Brasileña de Señas, destacando su papel fonológico en ese sistema lingüístico. El objetivo de ese trabajo es fornecer un levantamiento de investigaciones que trabajaron, de manera directa o no, con las expresiones no-manuales de la Lengua Brasileña de Señas, con la intención de trazar un panorama sobre lo que es dicho y estudiado sobre estas expresiones. A fin de ofrecer una visión panorámica cuanto a ese foco, esta investigación reunió veinte y nueve trabajos, divididos en artículos, trabajos de maestría, libros, manuales, monografías y tesis de doctorado. Con estos materiales, discusiones y comparaciones fueran hechos, evidenciando como las expresiones no-manuales son abordadas por investigadores brasileños. Algunos estudiosos como Araújo (2013), Brito (2010), Ekman (2003), Karnopp (1994) y Reilly (2006), entre otros, posibilitaron una discusión teórica que contribuyó para delinear el escenario en que las expresiones no-manuales se encuentran. Entre las constataciones de la investigación, destacase que las informaciones y/o los abordajes presentados en los existentes. Al mismo tiempo, es preciso resaltar que las investigaciones en esta área y los estudios que abordan este tema parecen traer conceptos difusos y/o insuficientes sobre las expresiones no-manuales. En razón de eso, más y nuevas investigaciones acerca del tema necesitan ser desarrolladas.

Palabras-clave: Lengua Brasileña de Señas, fonología, expresiones no-manuales

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Alfabeto datilológico	21
Figura 2- Espaço de realização dos sinais em Libras	22
Figura 3- Exemplo de pares mínimos na Libras.....	26
Figura 4- Configurações de mão da Libras	28
Figura 5- Movimento em relação ao sinal de Verde e Gelado	29
Figura 6- Exemplos de sinais na ASL em relação ao parâmetro ‘movimento’	31
Figura 7- Pontos de articulação	32
Figura 8- Exemplo de orientação de mão	33
Figura 9- Representação esquemática para expressões não-manuais.....	36
Figura 10- Imagens para a sentença ‘Você é professor.’	43
Figura 11- Imagens para a sentença ‘Você é casado (a)?’	44
Figura 12- Imagens para a sentença ‘Carro bonito!’	44
Figura 13- Imagens para a sentença ‘Eu não ouço.’	45
Figura 14- Produção da sentença “Eu gosto/não gosto.”.....	46
Figura 15- Produção da sentença “Posso/não posso.”	46
Figura 16- Produção da sentença “Você não é casado?”.....	47
Figura 17- Produção da sentença “Você vai casar!?”.....	47
Figura 18- Sinalização de ‘mother’	54
Figura 19 - Página de consulta sobre a descrição da disciplina de Libras	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Categorias de movimento.....	30
Quadro 2- Pontos de articulação da Libras.....	32
Quadro 3- Expressões não-manuais da Libras	35
Quadro 4- Análise da produção de um informante verificada por Souza (2009).....	61
Quadro 5- Expressões de busca e obras encontradas	68
Quadro 6- Síntese das obras selecionadas com foco nas ENMs da Libras	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Avanço frente às investigações das expressões não- manuais.....	72
Gráfico 2- Distribuição das obras encontradas quanto ao gênero textual	82

LISTA DE SIGLAS

ASL	American Sign Language
CM	Configuração de Mão
ENMs	Expressões Não-Manuais
L	Locação
Libras	Língua Brasileira de Sinais
M	Movimento
MNM	Marcas Não-Manuais
Or	Orientação da mão
PA	Ponto de articulação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	20
2.1 LÍNGUAS DE SINAIS E LIBRAS.....	20
2.2 A ORGANIZAÇÃO DA FONOLOGIA.....	22
2.3 A FONOLOGIA NAS LÍNGUAS DE SINAIS E NA LIBRAS.....	24
2.3.1 Pares mínimos.....	25
2.3.2 Configuração de mão (CM).....	27
2.3.3 Movimento (M).....	28
2.3.4 Locação (L) ou Ponto de articulação (PA).....	31
2.3.5 Orientação de mão (Or).....	33
2.3.6 Expressões não-manuais (ENMs).....	34
2.4 EXPRESSÕES FACIAIS E SEU PAPEL NA LIBRAS.....	40
2.4.1 Tipos frasais na Libras.....	42
2.4.1.1 Forma Afirmativa.....	43
2.4.1.2 Forma Interrogativa.....	43
2.4.1.3 Forma Exclamativa.....	44
2.4.1.4 Forma Negativa.....	45
2.4.1.5 Forma Negativa/Interrogativa.....	46
2.4.1.6 Forma Exclamativa/Interrogativa.....	47
3 A AQUISIÇÃO DE LÍNGUAS.....	49
3.1 ESTÁGIOS DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	52
3.1.1 Estágios da aquisição da linguagem por surdos.....	53
3.1.1.1 Período pré-linguístico.....	53
3.1.1.2 Estágio de um sinal.....	53
3.1.1.3 Estágio das primeiras combinações.....	54
3.2 A AQUISIÇÃO DE LÍNGUAS POR OUVINTES E SURDOS.....	56
3.3 A AQUISIÇÃO DA LIBRAS COMO L2.....	57
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	63
4.1 O SEGUNDO OLHAR PARA AS EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS.....	65
4.2 O ALVO DO ESTUDO: AS EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS (RE)VISITADAS ...	67

4.2.1 A busca a partir de palavras-chave	67
4.3 CRONOLOGIA DOS ESTUDOS SELECIONADOS QUE SE REFEREM ÀS ENMs	70
5 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS OBRAS SELECIONADAS: ABORDAGENS E PERSPECTIVAS	74
5.1 OS DADOS	74
5.2 TIPOS DE TRABALHOS.....	81
5.3 DIALOGANDO COM OS ESTUDOS SELECIONADOS: AS VISÕES SOBRE AS ENMs	83
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

Os estudos das línguas de sinais no sentido das investigações linguísticas, como afirmam Quadros e Pizzio (2011), apresentam evidências de que essas línguas têm suas especificidades assim como as línguas oral-auditivas. Com isso, no processo de aquisição de uma segunda língua oral é verificado que os aprendizes precisam se apropriar das diferenças existentes entre a língua materna e a língua alvo, relacionadas, por exemplo, a conjugações verbais, ordem das sentenças, concordâncias etc. Tais diferenças também se verificam quanto à Língua Brasileira de Sinais, embora esta seja na modalidade gesto-visual, ao invés de oral.

A modalidade gesto-visual comporta sinais manuais e expressões não-manuais que correspondem a movimentos realizados pela cabeça, pelo tronco, pelos ombros e por expressões faciais envolvendo olhos, sobrancelhas, nariz, boca e bochechas. A marcação não-manual coocorre com as marcações manuais nas sentenças.

Na língua de sinais, uma das diferenças consiste na execução fonológica das expressões não-manuais que fazem referência à posição de cabeça, movimentação corporal e movimentação da face; dentro de tais expressões, encontram-se as expressões faciais que, juntamente com as expressões corporais, prestam-se a dois papéis: a marcação de construções sintáticas e a diferenciação entre itens lexicais.

Ao considerar a aquisição da Libras por ouvintes, Souza (2009, p. 155) chama atenção para o que considera obstáculos nesse processo:

[...] os ouvintes aprendizes de Libras apresentam maior dificuldade na aquisição da expressão facial, pois, na língua de sinais, tal marcação é de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em língua de sinais é feita pela expressão facial, diferentemente das línguas oral-auditivas; ademais as construções sintáticas da Libras, também, são marcadas por essas expressões.

A partir de observações, Souza (2009) apontou, como destacado no trecho citado, o que considerou como principais dificuldades de ouvintes quanto à aquisição da Libras como L2. No entanto, um estudo mais aprofundado acerca das funções e uma abordagem mais minuciosa quanto ao sistema fonológico da Libras não foram contemplados em seu estudo.

Souza (2009), ao investigar alunos em processo de aquisição da Libras (nível inicial para ouvintes) como L2, destaca que esses aprendizes utentes de LP (Língua Portuguesa) deparam-se com a complexidade da execução da marcação não-manual, mais especificadamente a expressão facial, em sentenças interrogativas, geralmente quando associadas a outras formas, como exclamativa e negativa. Conforme esse mesmo autor, as

mensagens, quando sinalizadas com a expressão facial inadequada, poderão resultar na alteração semântica das palavras e/ou sentença, prejudicando, assim, seu entendimento.

De acordo com o que Souza (2009) verificou, alunos ouvintes, em processo de aquisição da Libras como L2, chegam ao final da etapa sem dominar as expressões faciais.

Essa afirmação, portanto, motivou este estudo dissertativo que teve, em um primeiro momento, o objetivo de investigar como sujeitos ouvintes adquirem as marcações não-manuais da Libras como L2, com um olhar detalhado para a aquisição das expressões faciais linguísticas; também era uma das metas do estudo a reflexão sobre a apropriação desse elemento fonológico da língua de sinais. Para a viabilidade da pesquisa, ao longo de alguns meses, cursos livres e disciplinas oferecidas à comunidade acadêmica foram procurados.

Ressalta-se que, por dois meses, houve acompanhamento de aulas de um grupo de alunos matriculados na disciplina intitulada 'Libras I', destinada aos cursos de licenciatura em uma universidade federal. As observações realizadas nesse período possibilitaram direcionar a investigação para a aquisição das expressões faciais de negação e de interrogação, apontadas, pelos próprios discentes, como as marcações não-manuais mais difíceis na aprendizagem da Libras. Essas informações foram cruciais para as delimitações feitas até então e para formulação do projeto de qualificação.

A partir desse momento, buscou-se a continuidade do estudo e a verificação das possibilidades indicadas pelas professoras presentes na banca de qualificação, mas diversos fatores acarretaram mudanças de rumo na pesquisa.

Em um primeiro momento, problemas como incompatibilidade de horários – entre os cursos e o pesquisador - cursos que não puderam ser ofertados devido à baixa procura, disciplinas e/ou cursos em fase muito inicial e cursos que não se adequaram ao projeto de pesquisa impossibilitaram o andamento desta dissertação. Além disso, não se tinha acesso a uma literatura vasta para o embasamento teórico desta pesquisa que tinha como foco a aquisição das marcações não-manuais.

Em meio a esses obstáculos, novos questionamentos começaram a surgir e estes passaram a nortear um novo caminho para o estudo, fazendo com que objetivos, tema e procedimentos metodológicos fossem repensados e reavaliados. Esta pesquisa tomou, assim, outro rumo frente aos estudos linguísticos existentes sobre a língua de sinais.

Devido à impossibilidade de fazer um estudo de campo em tempo hábil para a conclusão da dissertação e, até onde foi possível verificar, pela pouca representatividade de pesquisas relacionadas às expressões não-manuais e às funções que elas desempenham na Libras novos questionamentos surgiram:

- (i) O que se diz sobre as expressões não-manuais em Libras?
- (ii) Quantos estudos abordam esta temática e de que forma?
- (iii) Com que periodicidade são feitas menções às expressões não-manuais em produções disponibilizadas na *web*?
- (iv) A bibliografia consultada permite traçar um panorama quanto ao estudo das expressões não-manuais?

Diante desses questionamentos, objetivou-se, então, apresentar um levantamento de estudos que investigaram, de forma direta ou indireta, as expressões não-manuais da Libras. Como metas específicas, neste pesquisa, pretende-se, então: (i) identificar quantos e quais tipos de estudos investigaram as expressões não-manuais; (ii) definir a periodicidade de publicação de tais estudos; (iii) promover uma discussão entre as pesquisas encontradas; e (iv) estabelecer um panorama quanto às investigações acerca das expressões não-manuais.

Buscando respostas aos questionamentos, com base nos objetivos previstos, foram pesquisadas obras que tinham como tema de investigação (direta ou indireta) as expressões não-manuais da Libras e, com este material, promoveu-se um ‘diálogo’ entre os estudos encontrados, a fim de se constatarem informações relacionadas a essas características da língua.

Outro ponto a ser destacado deve-se ao fato de que, por meio desta “varredura” de obras, este estudo contribui para pesquisas futuras, pois disponibiliza um agrupamento de obras acerca das expressões não-manuais, contribuindo para uma reflexão mais objetiva e concreta sobre tais especificidades da fonologia da Libras.

No que tange à organização desta dissertação, apresentam-se 6 capítulos. O capítulo 2 oferece informações sobre a origem da Libras e uma descrição do sistema fonológico das línguas de sinais, sua organização, bem como seus parâmetros. Para isto, autores como Anater (2009), Brito (2010), Hortêncio (2005), Quadros e Karnopp (2004), Souza (2009), Stokoe (1960), entre outros, são retomados. Ainda nesse capítulo, procurou-se tratar, especificadamente, das expressões faciais, abordando aspectos relacionados a suas funções sintáticas (marcações não-manuais), morfológicas e fonológicas e a função que o espaço possui dentro das marcações não-manuais. Um detalhamento frente à função das marcações não-manuais com foco nos tipos de frases existentes na Libras também está presente nesse capítulo.

Questões teóricas quanto à aquisição da linguagem por ouvintes e surdos estão disponíveis no capítulo 3, bem como a aquisição da Libras como L2.

Os procedimentos metodológicos do estudo estão disponíveis no capítulo 4, no qual são indicados os caminhos percorridos ao longo desta pesquisa, além apresentar as informações preliminares sobre as obras analisadas nesta dissertação.

O capítulo 5, na sequência, faz um detalhamento das investigações analisadas, em busca de um diálogo entre as obras vistas, com foco nas informações apresentadas pelos autores sobre as expressões não-manuais, os tipos de trabalhos pesquisados e as visões acerca dessas expressões.

Por fim, o capítulo 6 apresenta as considerações finais que abordam as limitações existentes para o desenvolvimento de estudos fonológicos da Libras, com foco nas Expressões Não-Manuais.

Este estudo, assim configurado e inserido na linha de pesquisa “Linguagem e práticas escolares”¹, que trabalha com investigações de fenômenos linguísticos no âmbito do ensino-aprendizagem de línguas - em diferentes contextos educacionais - traz como contribuição à comunidade acadêmica um levantamento de pesquisas que investigaram as expressões não-manuais da Libras, indicando autoria, ano de publicação, título da obra e breve resumo. Com esses dados e por meio da discussão apresentada, entende-se que pesquisadores e demais interessados pelo tema têm acesso a uma visão panorâmica acerca das expressões não-manuais, considerando, logicamente, as lentes utilizadas pelo autor deste texto.

¹ Para melhor detalhamento, ver: http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/linguistica-aplicada/linhas-de-pesquisa/#linguagem_e_praticas_escolares

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentar-se-ão os pressupostos teóricos que nortearam o presente estudo, passando pela concepção da língua de sinais, pela fonologia da Libras (com foco nas marcações não-manuais) e pelos tipos frasais da Libras.

2.1 LÍNGUAS DE SINAIS E LIBRAS

As línguas de sinais nem sempre despertaram interesse nos pesquisadores e, quando mencionadas, eram apenas entendidas como uma forma gestual para a comunicação. Algumas vezes, eram vistas como simples mímica para a representação das ideias consideradas limitadas. Conforme afirma Anater (2009), essa noção vem de uma ideia de que, para serem concebidas como línguas, era preciso que se apresentassem em uma modalidade comum a todas as outras línguas conhecidas, a oral-auditiva. Como diz a autora, também não é raro achar indivíduos que entendem que a língua de sinais é universal, uma vez que ela parece comunicar através da gestualidade algo que, possivelmente, poderá ser entendido no encontro entre seus usuários, independente de suas origens. Além disso, é possível que a percebam como uma versão sinalizada da língua oral de seu país. No entanto, sabe-se que a língua de sinais não é a representação da língua falada.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004:30):

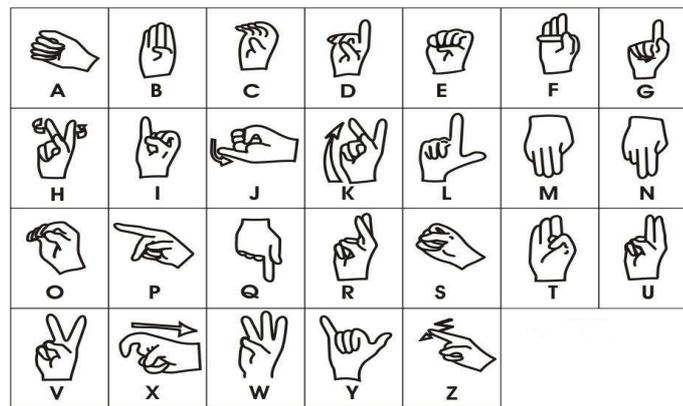
[...] uma língua natural é uma realização específica da faculdade da linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários.

Portanto, as línguas de sinais são sistemas linguísticos complexos com bases fonológica, morfológica, pragmática e sintagmática; são também capazes de gerar sentenças infinitas a partir de um sistema de regras finito.

De acordo com Hortêncio (2005), o costume de se usar as mãos para soletrar palavras já era praticado pelos egípcios, romanos, gregos e hebreus. Durante a Idade Média, monges beneditinos espanhóis, na tentativa de conservar seu voto de silêncio, inventaram um alfabeto datilológico, ou manual, com intuito de comunicar-se entre si. Com o passar dos anos, surgiram, na Europa, vários alfabetos manuais de uma só mão e, na Inglaterra, um segundo alfabeto que utilizava duas mãos, para ser sinalizado; no século XVI, ouvintes e educadores surdos passaram a utilizar esse alfabeto no ensino.

A difusão deste alfabeto de uma só mão gerou a hipótese de que essa representação seria a própria língua de sinais e que ela poderia ser universal. No entanto, esse alfabeto é apenas um suplemento das línguas não-orais, cuja função é soletração das línguas orais, como em nomes próprios, siglas, empréstimos linguísticos etc. O alfabeto manual utilizado no Brasil possui vinte e sete formatos, de configuração diferente, como ilustra a Figura 1, e cada configuração equivale a uma letra do alfabeto português, incluso o “ç”.

Figura 1- Alfabeto datilológico

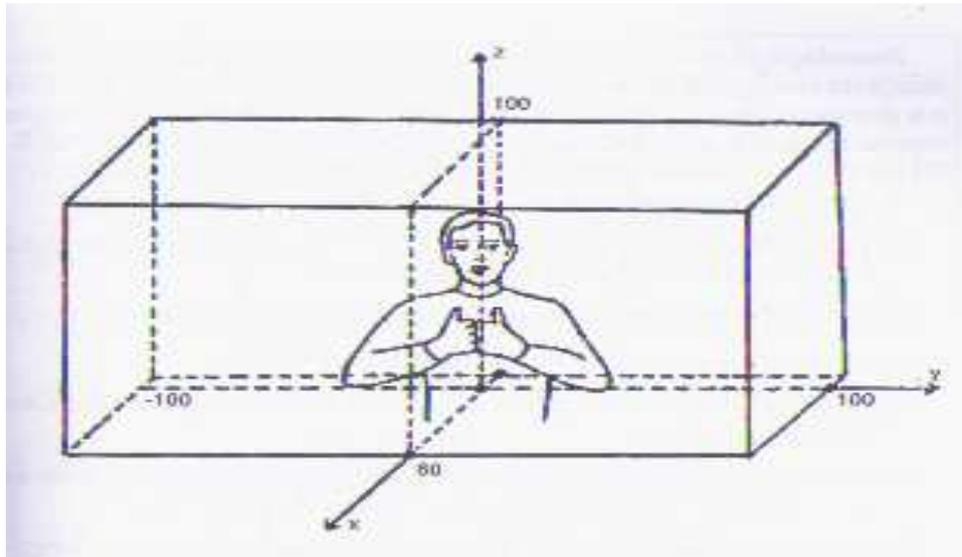


Fonte: Ferreira-Brito e Langevin (1995).

É comum aos falantes pensarem que as línguas de sinais sejam versões sinalizadas das línguas orais. No entanto, apesar de existirem semelhanças ou aspectos comuns entre as línguas de sinais e as línguas orais, as línguas de sinais são autônomas, pois possuem peculiaridades que as diferenciam umas das outras e das línguas orais.

A Língua Brasileira de Sinais é um sistema linguístico de modalidade gestual-visual e com uma estrutura gramatical independente da língua portuguesa brasileira. Como Ferreira-Brito e Langevin (1995) já apontavam, o Brasil possui duas línguas de sinais: a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua de Sinais Brasileira Kaapor (LSBK). A LSBK é utilizada por índios da tribo Urubu-Kaapor, na selva amazônica. Essa língua é pertencente à família tupi-guarani, sendo utilizada por ouvintes e surdos, distinguindo-se da Libras sociolinguisticamente e em detalhes estruturais. A Libras, como as outras línguas de sinais, possui seu canal de comunicação visuoespacial, em oposição ao oral-auditivo das línguas orais. A fim de que a mensagem sinalizada possa ser entendida e vista com nitidez, a forma de expressão visuoespacial das línguas de sinais exige o uso de grande parte do corpo do sinalizador. Para que tal ação ocorra, é necessário que o espaço de sinalização esteja desobstruído, conforme mostra a Figura 2.

Figura 2- Espaço de realização dos sinais em Libras



Fonte: BRITO (2010).

Os sinais da Libras são efetuados, portanto, em um espaço que vai da cintura até um ponto logo acima da cabeça, formando um paralelepípedo com a horizontal, com uma distância entre a mão direita e a mão esquerda estendidas para a direita e para a esquerda, respectivamente, como explana Brito (2010).

2.2 A ORGANIZAÇÃO DA FONOLOGIA

Como já foi dito, as línguas de sinais são línguas naturais das comunidades surdas. Durante muito tempo, contudo, foram consideradas apenas gestos ou pantomimas, incapazes de expressar conceitos abstratos. Felizmente, esse pensamento começou a ser mudado no ano de 1960, com a publicação do livro *Sign Language Structure*, de Willian Stokoe, que tornou explícito o fato de que as línguas de sinais são línguas naturais.

Cruz (2008), entre outros autores, diz que a língua de sinais é vista como um sistema completo, semelhante a qualquer outra língua. Seus elementos combinam uns com os outros de modo visual em vez de auditivo. Essas combinações, os sinais, possuem significado como os vocábulos ou fonemas, que expressam ideias completas e complexas.

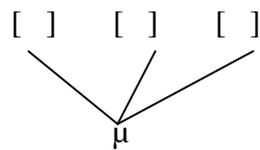
As línguas de sinais, como qualquer língua oral, portanto, abarcam a gramática em seus diversos níveis: fonológico, semântico, sintático e pragmático. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a diferença básica entre língua de sinais e língua falada diz respeito à estrutura simultânea da organização dos elementos das línguas de sinais. Enquanto as línguas

orais são lineares, isto é, apresentam uma ordem linear entre os fonemas, nas línguas não-orais não se verifica essa linearidade, pois as características distintivas dos sinais são realizadas simultaneamente.

Os sinais são formados por três parâmetros que não atribuem significados quando isolados, conforme Quadros e Karnopp (2004): configuração de mão (CM), locação de mão (L) e movimento (M). Uma CM e um mesmo M, mas com L diferente, poderá resultar em uma mudança de significado, formando assim um par mínimo. Segundo Quadros e Karnopp (2004), entende-se que CM, L e M são unidades mínimas que constituem morfemas nas línguas de sinais, de forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais. Entretanto, de acordo com as autoras, a diferença crucial estabelecida entre essas duas modalidades está na presença da ordem linear entre os fonemas das línguas orais e sua ausência nas línguas de sinais, cujos fonemas são articulados simultaneamente. Ainda com base nas autoras, a diferença básica entre língua de sinais e língua falada diz respeito à estrutura simultânea da organização dos elementos das línguas de sinais. Enquanto as línguas orais são lineares, isto é, apresentam uma ordem linear entre os fonemas, nas línguas não-orais, além da linearidade, os fonemas são articulados simultaneamente.

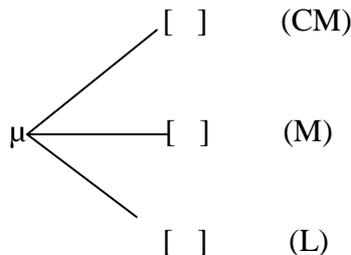
Hulst (1993:210 *apud* Quadros e Karnopp, 2004: 49) ilustra essa diferença conforme os esquemas A e B:

A. Língua Oral



Fonte: Quadros e Karnopp (2004: 49).

B. Língua Não-Oral



Fonte: Quadros e Karnopp (2004: 49).

De acordo com Quadros e Karnopp (op. cit.), em A, a sucessão horizontal indica sucessão temporal característica das línguas orais, enquanto o alinhamento vertical, em B, remete à simultaneidade temporal, evidenciada nas línguas de sinais; μ representa morfema; [] equivale a um fonema ou conjunto de especificações.

Como destacam Quadros e Karnopp (2004), o desenvolvimento de modelos fonológicos, a partir de Stokoe (1960), apresenta a introdução da noção de ordem linear, mostrando a sequência das unidades que constituem os sinais e um aperfeiçoamento dos parâmetros e das relações estruturais entre tais unidades na descrição fonológica dos sinais. Além dos parâmetros fonológicos de CM, L e M, estudos mais recentes sobre as línguas de sinais adicionam à fonologia das línguas de sinais a orientação de mão e as marcações não-manuais.

A partir dos próximos tópicos, uma abordagem mais minuciosa dos pressupostos que fundamentaram a dissertação será apresentada.

2.3 A FONOLOGIA NAS LÍNGUAS DE SINAIS E NA LIBRAS

As definições de fonologia, comumente, referem-se ao estudo dos sons e suas formas organizacionais, descritos e analisados, em cada língua, de acordo com sua estrutura e funcionamento, considerando um determinado sistema.

Quadros e Karnopp (2004) dizem que, apesar da diferença existente entre línguas oralizadas e não-oralizadas, o termo ‘fonologia’ é usado na referência ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais. A fonologia das línguas de sinais, entretanto, se estabelece a partir de unidades mínimas surdas, que formam os sinais.

Ainda, com base nas autoras, as línguas de sinais, bem como a Libras, são produzidas pelas mãos, embora movimentos de face e de corpo também desempenhem funções. Seus parâmetros fonológicos principais, conforme indicação na seção anterior, são configuração de mão (CM), locação (L), movimento (M). Hust (1993), citado por Cruz (2008), afirma que esses três parâmetros dão origem a fonemas que se constituem em morfemas, assim como os morfemas são formados nas línguas orais.

Ferreira-Brito (1995) classifica como parâmetros primários a configuração da(s) mão(s), o ponto de articulação² e o movimento e, como parâmetros secundários, a região de

² Ponto de articulação refere-se, também, ao parâmetro de locação.

contato, a orientação das mãos e a disposição das mesmas. Além disso, refere que os componentes não-manuais são elementos de suma importância ao lado dos parâmetros primários e secundários, por isso é possível considerar as expressões não-manuais como expressão facial e movimento de corpo, devido ao papel que desempenham na distinção de significado.

Os estudos de fonologia da língua de sinais visam determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. Um dos trabalhos do investigador de uma determinada língua de sinais é identificar as CMs, as Ls e os Ms que possuem caráter distintivo. Isso é realizado, comparando-se pares de sinais que contrastam minimamente, método utilizado na análise tradicional de fones distintivos das línguas naturais, conforme Quadros e Karnopp (2004:51).

2.3.1 Pares Mínimos

Os parâmetros fonológicos da língua de sinais formam sinais que, em alguns casos, formam os pares mínimos, exemplificado pelos fonemas /p/ e /b/, que são primordiais na distinção de significado de ‘**p**ata’ e ‘**b**ata’.

Em busca dessa diferenciação, verificam-se os pares mínimos da Libras, nos quais a diferença de um parâmetro provoca mudança de significado, como podemos verificar na Figura 3, a partir de Quadros e Karnopp (2004).

Figura 3- Exemplos de pares mínimos na Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004:52).

É possível perceber nesses registros que, dependendo da forma como o sinal é realizado quanto à configuração de mão, ao movimento e à locação, verificam-se pares mínimos, como no caso de “PEDRA” e “QUEIJO”, em que movimento e locação são os mesmos, mas a configuração de mão é diferente. Mão fechada que vai e vem em direção ao queixo é o sinal para PEDRA, mas a forma da mão parecida com a configuração de mão em L, na mesma locação e com o mesmo movimento, é o sinal de QUEIJO. Temos, aqui, a distintividade quanto à configuração de mão.

No que tange aos sinais que se opõem quanto ao movimento, pode-se perceber que, na sinalização dos vocábulos “TRABALHAR” e “VÍDEO”, a configuração de mão permanece a mesma, porém a diferenciação ocorre no movimento realizado na produção do sinal. Enquanto na execução da primeira palavra as mãos realizam movimentos de vai e vem de forma alternada, no segundo vocábulo, ambas as mãos se dirigem de trás e para a frente de

maneira sincronizada. Com isso, obtém-se a diferença de sentido pela diferença no movimento entre as duas expressões.

Finalmente, outro par mínimo é obtido pela diferença na locação de alguns sinais, como pode ser visto nas palavras “APRENDER” e “SÁBADO”, também ilustradas pela Figura 3. Na realização do vocábulo “APRENDER”, a configuração da mão deve ser fechada, com movimento de abrir e fechar; porém a realização deste sinal deve ser feito em frente à testa. Na sinalização do vocábulo “SÁBADO”, por sua vez, a configuração de mão e o movimento são os mesmos, mas a realização deste deve ser feito em frente à boca. Com isso, apresenta-se mais um traço de distintividade da Libras dependente do local em que o sinal é articulado.

Nos tópicos seguintes, mais detalhes sobre os parâmetros primários da Libras serão explicitados.

2.3.2 Configuração de mão (CM)

As CMs são as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) no ato de sinalização. Brito (2010) afirma que as CMs usadas na Libras e na *American Sign Language* (ASL) possuem um grande número de similitudes e algumas diferenças. As CMs da Libras foram descritas a partir de coletas de dados realizadas nos principais centros urbanos brasileiros, sendo agrupadas verticalmente segundo a semelhança existente entre elas, mas sem uma identificação definida enquanto CMs básicas ou CMs variantes.

Entre estas, podem-se citar as configurações chamadas de F e T no alfabeto manual do Brasil que não são usadas na ASL. Ainda tendo como referência Ferreira-Brito (2010), o “F” da ASL, de acordo com a autora, é uma configuração diferente, também muito usada na Libras, mas sem a letra correspondente no alfabeto manual brasileiro. Por essa exemplificação, nota-se que cada língua possui seu sistema de configuração, e que essas não estão restritas ao seu uso no alfabeto.

De acordo com Brito (2010), a Libras apresenta quarenta e seis CMs, como mostra a Figura 4, mas nem todas as línguas de sinais partilham o mesmo número de configurações.

Figura 4- Configurações de mão da Libras

1 	2 	3 	4 	5 	6 	
7 	8 	9 	10 	11 	12 	
13 	14 	15 	16 	17 	18 	19

Fonte: Quadros e Karnopp (2004:53).

A configuração de mão pode permanecer a mesma durante a realização de um sinal, ou pode ser alterada, passando de uma configuração estática para outra. Tais configurações de mão, portanto, são utilizadas na realização dos sinais da Libras em simultaneidade com parâmetros de movimento e de locação, como já foi dito.

2.3.3 Movimento (M)

Para que aconteça movimento, objeto e espaço são necessários. As mãos do enunciador, nas línguas de sinais, são o objeto, mas o espaço em que o movimento realiza-se (espaço da enunciação) é a área em torno do corpo enunciador (Ferreira-Brito e Langevin, 1995). O movimento é visto como um parâmetro complexo que poderá envolver uma grande gama de formas e direções, desde movimentos internos da mão, movimentos do pulso e movimentos direcionais no espaço.

Nos movimentos internos, por exemplo, os dedos se mexem durante a realização do sinal, conforme Brito (2010:38). Essa autora também afirma que movimentos de abertura, de fechamento, de dobra ou de a mão estendida levam a rápidas mudanças na configuração manual. O movimento descrito pela mão no espaço ou sobre o corpo pode ser em linhas retas, curvas sinuosas ou circulares em várias direções e posições. Em certos sinais, o movimento direcional é icônico. Assim, DAR e RECEBER são direcionados, respectivamente para o

corpo ou para longe do mesmo. SEPARAR e UNIR são realizados com a aproximação e separação das mãos.

Alguns sinais se distinguem pelo movimento, como o de VERDE e o de GELADO, conforme o uso da Libras em São Paulo, a partir de Brito (2010). Esses vocábulos possuem a mesma CM (X) e o mesmo PA (o queixo). A diferença está na movimentação: no primeiro, o movimento se caracteriza por uma reta que termina com um toque do indicador no queixo e, no segundo, o mesmo movimento é repetido e a linha imaginária entre o dedo e o queixo é bem menor em relação ao movimento para a realização do sinal para o vocábulo VERDE. A Figura 5, embora não seja tão clara, é uma tentativa de representar essa diferença no movimento.

Figura 5- Movimento em relação ao sinal de Verde e Gelado



VERDE (SP)



GELADO (SP)

Fonte: Brito (2010: 40).

Segundo Ferreira-Brito (1990, apud Quadros e Karnopp, 2004), o movimento pode estar nas mãos, pulsos e antebraços; os movimentos direcionais podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais; a maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento; a frequência refere-se ao número de repetições de um movimento. As categorias de movimento estão detalhadas no Quadro 1.

Quadro 1- Categorias de movimento

TIPO	DIRECIONALIDADE	MANEIRA	FREQUÊNCIA
Contorno ou forma geométrica - retilíneo - helicoidal - circular - semicircular - sinuoso - angular - pontual Interação - alternado - de aproximação - de separação - de inserção - cruzado Contato - de ligação - de agarrar - de deslizamento De toque (início, final, duplo) - de esfregar - de riscar -de escovar ou pincelar Torcedura de pulso - rotação (p/ dir. e esq.) - com refreamento (p/ dir. ou p/ esq.) Dobramento do pulso - para cima ('supinate') - para baixo ('pronate') Interno das mãos - abertura simultânea/gradativa - fechamento simultâneo/gradativo - curvamento simultâneo./alternado -dobramento simultâneo./alternado	Direcional - unidirecional (para cima) (para baixo) (para direita) (para esquerda) (para dentro) (para fora) (para o centro) (para lateral inferior esquerda) (para lateral inferior direita) (para lateral superior esquerda) (para lateral superior direita) (para específico ponto referencial) - bidirecional (para cima e baixo) (para esq. e dir.) (para dentro e fora) (para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda) - multidirecional Não-direcional	Qualidade, Tensão e Velocidade - contínuo - de retenção - refreado	Repetição -simples -repetido

Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004: 56).

Certas variações no movimento são significativas na gramática da língua de sinais, como afirma Karnopp (1999). Podem-se citar, como exemplos, as cores AZUL, VERDE, AMARELO e ROXO, sinalizadas na ASL e articuladas em um espaço neutro. O movimento do sinal AZUL envolve, ainda com base em Karnopp (1999), um pequeno contorno na mão. No entanto, se esse movimento é alterado, ocorre mudança no significado do sinal, como mostra a figura abaixo:

Figura 6- Exemplos de sinais na ASL em relação ao parâmetro ‘movimento’



Fonte: Quadros e Karnopp (2004: 54).

O exemplo da figura 6 mostra que, na ASL, o parâmetro movimento pode variar, sendo mais curto ou mais longo ou em direções diferentes, bem como o de locação (apresentados brevemente no Quadro 1), alterando o significado do sinal.

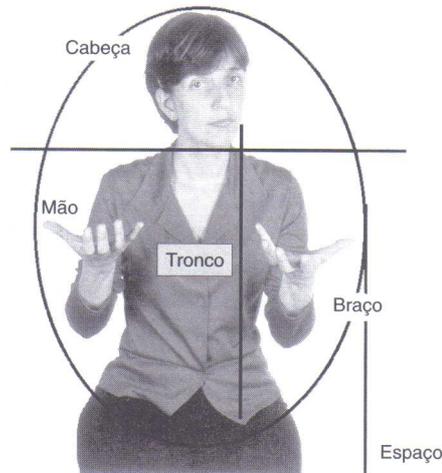
Quadros e Karnopp (2004) citam Wilbur (1987) na análise do parâmetro movimento. As autoras afirmam que Wilbur, ao analisar o M, argumentou que deveria haver uma divisão em dois tipos, movimento de direção e movimento local (movimento interno da mão). A razão para a divisão é que um sinal poderá apresentar somente um movimento de direção, somente um de local ou a combinação simultânea entre os dois.

2.3.4 Locação (L) Ou Ponto de articulação (PA)

Brito (2010) define Locação ou Ponto de articulação como o espaço em frente ao corpo ou a uma região próxima ao corpo, onde os sinais são articulados. Os sinais articulados no espaço são dois: os que se articulam no espaço neutro diante do corpo e os que se aproximam de uma determinada região corpórea, como cabeça, cintura e ombros.

Como em outras línguas de sinais, na Libras, o espaço de enunciação é uma localidade que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos (janela) em que são articulados os sinais, aqui ilustrado na Figura 7.

Figura 7- Pontos de articulação



Fonte: Quadros e Karnopp (2004:57).

Dentro desse espaço, pode-se determinar um número limitado de locações, sendo que algumas são exatas – ponta do nariz – e outros mais abrangentes, como a frente do tórax. O espaço ideal é o de enunciação, no qual os interlocutores estejam face a face. Poderá haver situações em que o espaço de enunciação seja reposicionado e/ou reduzido. Podemos citar, como exemplo, se um enunciador Y faz sinal para X, que está fisicamente distante, o espaço de enunciação será alterado. O Quadro 2 descreve locações divididas em quatro regiões: espaço neutro, mão, tronco e cabeça.

Quadro 2- Pontos de articulação da Libras

CABEÇA	TRONCO	MÃO	ESPAÇO NEUTRO
Topo da cabeça	Pescoço	Palma	
Testa	Ombro	Costas das mãos	
Rosto	Busto	Lado do indicador	
Parte superior do rosto	Estômago	Lado do dedo mínimo	
Parte inferior do rosto	Cintura	Dedos	
Orelha	Braço (s)	Ponta dos dedos	
Olhos	Antebraço	Dedo mínimo	
Nariz	Cotovelo	Anular	
Boca	Pulso	Dedo médio	
Bochechas		Indicador	
Queixo		Polegar	

Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004:58).

Como dizem Kegl e Wilbur (1976) e Sandler (1989), cada sinal apresenta apenas uma locação específica. As autoras destacam diferenças entre locações principais e subespaço. As locações principais incluem categorias abrangentes como cabeça, tronco, mão passiva e

espaço neutro. Os subespaços incluem as distinções detalhadas, tais como nariz, boca, olhos, testa etc. e são subcategorizados por locuções principais. Portanto, se ocorre um movimento de direção, este, por sua vez, é o resultado da especificação de dois subespaços, os quais estão associados e ligados a uma locação principal. Tal distinção feita entre subespaços e locações principais sustenta a hipótese de que cada sinal tem uma única especificação para locação.

2.3.5 Orientação de mão (Or)

A orientação da palma da mão não era considerada como um parâmetro distinto no trabalho inicial de Stokoe (1960). Contudo, outros pesquisadores argumentaram em favor da inclusão de tal parâmetro na fonologia das línguas não-orais, com base na existência de pares mínimos em sinais que apresentam uma mudança de significado apenas na produção de distintas orientações da palma da mão, como afirmam Quadros e Karnopp (2004).

Para efeitos de definição, a orientação é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal, conforme mostra a Figura 8, na indicação de para “cima” ou para “baixo”.

Figura 8- Exemplo de Orientação de mão



Fonte: Quadros e Karnopp (2004:59).

De acordo com Brito (2010), a direção da palma da mão, durante a execução do sinal, poderá ser voltada para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a esquerda ou para a direita. Pode haver mudança na orientação durante a execução do movimento. Cada diferença em relação a esse parâmetro também resulta na mudança de significado.

Além dos parâmetros indicados, há necessidade de refletir sobre outra especificidade da Libras que tem direcionado a realização desse estudo, as expressões não-manuais e sua importância na língua, dando continuidade à reflexão sobre os aspectos que diferenciam os itens lexicais nas línguas de sinais.

2.3.6 Expressões não-manuais (ENMs)

As expressões não-manuais, como já foi dito, são elementos de suma importância, ao lado dos parâmetros primários.

De acordo com Araújo (2013), foi na década de 1970 que pesquisadores começaram a olhar não só para as mãos, mas também para o significado das marcações não-manuais, como expressões faciais e os movimentos da cabeça e do tronco e, também, a partir dessa década, os componentes não-manuais passaram a ter sua importância na ASL. Como as línguas não-orais transcendem as mãos, pesquisas na área das expressões não-manuais também merecem ser implementadas.

Segundo Brito (2010), as expressões faciais e os movimentos do corpo, possivelmente, sejam outros parâmetros mais comumente chamados de parâmetros secundários, mas tais parâmetros são também importantes na organização fonológica dos sinais. Quadros e Karnopp (2004), assim como Souza (2009) reforçou, destacam que as expressões faciais constituem outros parâmetros, dada a sua importância na distinção de significado.

Acompanhando a reflexão de Brito (2010), é preciso dizer, por exemplo, que a diferença entre PENSAR, DUVIDAR e ENTENDER³, no dialeto paulista, é feita por esses componentes não-manuais. Nos três sinais, a CM é a mão em G, com a ponta do indicador em contato com a parte lateral da cabeça. Em PENSAR, há apenas um toque; em DUVIDAR, o toque é acompanhado do olhar e da expressão facial indicando dúvida e de balanço da cabeça para os lados; ENTENDER é realizado com um toque do indicador e um rápido afastamento, enquanto os olhos se abrem.

Tanto os parâmetros primários, como os secundários e os componentes não-manuais podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal.

Com base nisso, as expressões não-manuais referem-se aos movimentos de face, olhos, cabeça ou tronco e tais expressões possuem dois papéis de diferenciação nas línguas

³ Embora haja variação regional na sinalização de algumas palavras, os vocábulos utilizados como exemplos poderão ser vistos em <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>.

de sinais: marcação de construções sintáticas (como marcação de sentença interrogativa, orações relativas, topicalizações, concordância, foco) e diferenciação entre os itens lexicais.

As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio e grau ou aspecto.

A fim de exemplificar os tipos e/ou formas de expressões não-manuais, o Quadro 3 traz mais considerações:

Quadro 3- Expressões não-manuais da Libras

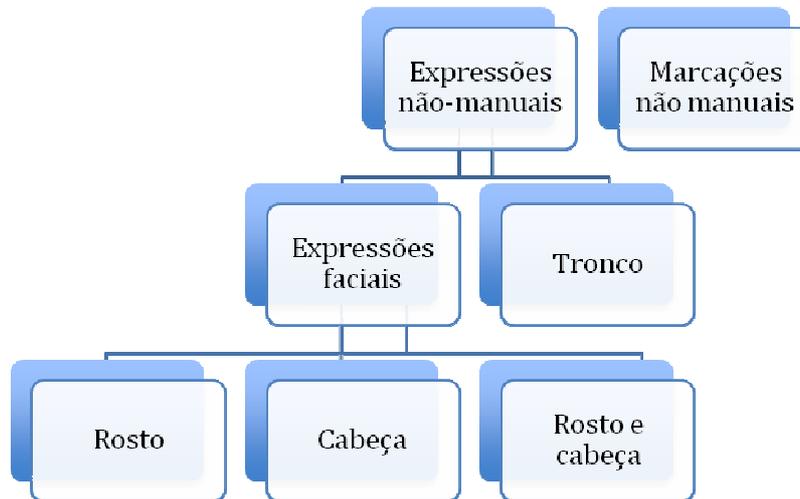
<p>Rosto</p> <p>Parte superior</p> <ul style="list-style-type: none"> • sobrancelhas franzidas • olhos arregalados • lance de olhos • sobrancelhas levantadas <p>Parte Inferior</p> <ul style="list-style-type: none"> • bochechas infladas • bochechas contraídas • lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas • correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha • apenas bochecha inflada • contração do lábio superior • franzir nariz
<p>Cabeça</p> <ul style="list-style-type: none"> • balanceamento para frente e para trás (sim) • balanceamento para os lados (não) • inclinação para a frente • inclinação para o lado • inclinação para trás
<p>Rosto e cabeça</p> <ul style="list-style-type: none"> • cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas • cabeça projetada para trás e olhos arregalados
<p>Tronco</p> <ul style="list-style-type: none"> • para frente • para trás • balanceamento alternado dos ombros • balanceamento simultâneo dos ombros • balanceamento de um único ombro

Fonte: Quadros e Karnopp (2004:61).

Conforme indica o Quadro 3, percebe-se quão variado é o número de expressões não-manuais presentes na Libras. Duas expressões não-manuais podem ocorrer simultaneamente. Por exemplo, em Libras, a interrogação e a negação podem ser expressas juntas, balançando-se a cabeça para os lados (não), franzindo-se as sobrancelhas e movendo-se o tronco à frente, e inclinando-se finalmente a cabeça para trás.

A Figura 9 visa ilustrar um possível entendimento sobre o que é mais amplo e o que é mais específico no que tange às expressões não-manuais, considerando também as indicações do Quadro 3.

Figura 9- Representação esquemática para expressões não-manuais



Fonte: Autoria própria (2014).

Araújo (2013:42) chama atenção para a variedade de termos usados para indicar expressões não-manuais nas línguas de sinais: Bridges e Metzger (1996) referem-se a Sinais não-manuais (SNMs); Reilly (2006) e Wilbur (200) denominam marcas não-manuais (MNM); Brito (1995) adota o termo componentes não-manuais; e Quadros e Karnopp (2004) nomeiam o fenômeno como Expressões não-manuais (ENMs).

Considerando os estudos realizados e as informações oferecidas pelo Quadro 3 e o esquema da Figura 9, assume-se, neste estudo, o termo “marcações não-manuais” para as expressões não-manuais que desempenham funções gramaticais, como as expressões faciais a serem detalhadas mais adiante, enquanto “expressões não-manuais” é o termo genérico para todas as expressões faciais e corporais.

As expressões não-manuais (ENMs) são realizadas na face, na cabeça e nos ombros. A posição da cabeça, a posição do corpo, da sobrançelha e da testa, do nariz, o olhar, as bochechas nos dão informações de itens lexicais ou indicam o começo ou final de uma oração.

Wilbur (2000) defende a existência de camadas nas línguas de sinais, pois, caso seja falado em movimento (M), há que definir o local e a trajetória do sinal. O autor traz à discussão o fato de que existem camadas nos componentes não-manuais, isto é, expressões

corpóreas e faciais; para esta última, ele propõe indicar que há expressões de nível considerado inferior ou superior. Para Araújo (2013), a porção inferior é usada para dar informações adjetivas e adverbiais: a boca, a língua e as bochechas estão associadas a um item lexical específico ou a orações. Seguindo a autora, a porção superior, por sua vez, é constituída por partes da face e pela cabeça (sobrancelhas, olhos, posição/inclinação ou aceno de cabeça) e revela constituintes sintáticos.

De acordo com Wilbur (2000), camadas também podem acontecer quando as expressões faciais afetivas são usadas com marcas não-manuais gramaticais, embora esta seja uma área que precise consideravelmente de mais pesquisas. As marcações não-manuais possuem canais independentes, como posição da cabeça e posição do nariz; ademais, os sinais não-manuais podem indicar tipos frasais ou, até mesmo, as extremidades das frases.

Liddel (1978) já dizia que essa parte superior da face e a cabeça detêm expressão não-manual para as orações interrogativas: uma sentença construída com a cabeça e ombros inclinados para frente e sobrancelhas levantadas, por exemplo, é interpretada como uma interrogativa que requer uma resposta “sim” ou “não”. Essa afirmação foi confirmada por Souza (2009) ao observar a produção de frases interrogativas associadas a frases negativas e exclamativas por ouvintes em processo de aquisição da Libras como L2. De acordo com suas constatações, os participantes do estudo apresentaram dificuldades na simultaneidade entre as diferentes expressões faciais exigidas pelo enunciado.

Souza (2009) também faz menção à diferenciação em relação ao modo de se evidenciar as expressões faciais, exemplificando sua constatação por meio das palavras SILÊNCIO e PARAR. O primeiro vocábulo deve ser sinalizado com o dedo indicador sobre a boca, com uma expressão calma e serena; ao utilizar a mesma configuração de mão, mas com um movimento mais rápido e com uma expressão de zanga, seu significado torna-se “Cale a boca!”. O segundo vocábulo deve ser executado com a mão aberta, em movimento brusco e com expressão séria; o mesmo sinal, porém com um movimento lento e com uma expressão facial de tranquilidade, representará “calma”.

Como se pode observar, a marcação não-manual assume o papel de, em algumas sentenças e palavras, atribuir carga semântica e sintática.

O espaço também desempenha uma função de suma importância nas línguas de sinais, pois a sinalização pode ocorrer em três tipos de espaço, identificados por Liddel (1995) e citados por Araújo (2013): o real, o sub-rogado e o token. Cada espaço pode abrigar as funções não só do sinal, mas também das expressões não-manuais. De acordo com Araújo (2013:40):

Espaço real é aquele onde o falante é a 1^a. pessoa (eu) e o ouvinte é a 2^a. pessoa do discurso, sendo que também outras pessoas e objetos podem estar situados nesse espaço. É tudo o que as pessoas percebem como presentes e reais. Neste tipo de espaço, a cabeça e os olhos de quem sinaliza estão dirigidos a quem recebe a mensagem.

O espaço sub-rogado consiste em um espaço mental, onde as coisas e as pessoas não estão presentes, mas são inferidas indiretamente. Segundo Liddel (1995), usa-se o termo para descrever a entidade invisível em seu tamanho natural, muitas vezes referida pelos signatários da ASL. Nesse espaço, há uma representação visual por uma espécie de encenação, na qual pode ser narrado algo que já aconteceu ou irá acontecer.

O espaço token, segundo Araújo (2013), é mais limitado do que o espaço real ou o sub-rogado, porque é o espaço em que se quer indicar e representar as entidades sob a forma de um ponto fixo no espaço físico. São entidades ‘invisíveis’, como os personagens e as coisas conceituais, pois as mãos assumirão esses papéis.

Quadros e Cruz (2011:51) discorrem, também, sobre a distinção entre o espaço token e o sub-rogado, com foco no relato de histórias infantis:

[...] o sinalizante produz sentenças utilizando o espaço token ou o espaço sub-rogado, pois as figuras não estão presentes fisicamente quando o sinalizante as apresenta. Se a figura estivesse diante da criança, a referência poderia utilizar o espaço real. Isso é muito comum quando se contam histórias com o livro aberto diante da criança. O contador de histórias aponta diretamente para os personagens e fala sobre eles. Nesse contexto, o contador intercala entre os tipos de espaço envolvidos na estrutura discursiva na língua de sinais.

Como já mencionado, as línguas de sinais apresentam componentes manuais e não-manuais. A utilização dos componentes não-manuais podem diferenciar significados e sentenças em diversos níveis da linguagem: (i) fonológico, (ii) sintático e (iii) morfológico.

Liddel (1978), citado por Araújo (2013), diz que entre as expressões não-manuais existem categorias de expressão facial em ASL que, com a postura do sinalizador, o movimento e a orientação corpórea, desempenham papéis gramaticais ou possuem uma função linguística na formação de sentenças. Neste caso, podem ser nomeadas, conforme assumido neste estudo, como marcações não-manuais. Araújo (2013), retomando Liddel (1978), reforça o fato de que, se não há como compreender os sinais não-manuais, será impossível compreender os enunciados da língua.

Com isso, pode-se entender que as funções expressas das ENMs, que desempenham papéis gramaticais, devem ser consideradas no nível fonológico, morfológico e sintático.

No tocante ao nível fonológico, Stokoe (1976) foi o primeiro estudioso a identificar as unidades formadoras de sinais e apontou para o fato de que as línguas de sinais poderiam ser

analisadas da mesma maneira que as línguas orais. Para isso, propôs três tipos de parâmetros (componentes), já explicitados no capítulo 2: ponto de articulação, configuração de mão e movimento.

Os itens lexicais são formados também por movimentos faciais, segundo Baker e Paden (1978), e um movimento facial específico é capaz de determinar se uma oração é negativa, interrogativa, ou uma oração relativa. Esses autores afirmam também que um olhar de contemplação na direção do referente espacial pode funcionar como uma referência pronominal, ou um fechar de olhos mais firme poderá resultar em um sinal mais enfático.

Brito (1995), baseada na descrição dos parâmetros utilizados na ASL, inclui na descrição da Libras, como já foi dito, os componentes não-manuais como parâmetros secundários, afirmando que eles são capazes de diferenciar significados. Além disso, a autora, destaca que o sinal se realiza de maneira multidimensional, da mesma forma como ocorre com as palavras orais, e que a realização dos sinais necessita da presença simultânea de seus parâmetros.

A morfologia estuda as unidades significativas da língua, a formação da palavra e como cada pequena unidade pode construir unidades maiores, sendo o morfema a menor unidade portadora de significado. Na Libras, como diz Araújo (2013), os morfemas que são identificados nas palavras existem também nos gestos. Sua detecção é possível por meio dos sinais, nos quais as unidades mínimas significativas devem ser procuradas na configuração de mão, na localização e direção do movimento, nas expressões faciais e no movimento do corpo, conforme afirmam Amaral et. al (1994).

Conforme trazido por Araújo (2013), os processos não-manuais podem modificar o sentido de um verbo e, por isso, podem ser assumidos como morfemas. Os processos não-manuais são, portanto, modificadores importantes, indispensáveis ao sinal.

Enquanto a fonologia estuda unidades mínimas significativas, a morfologia estuda como se combinam os morfemas para formar os sinais, a sintaxe se ocupa das regras que devem ser seguidas para que os sinais se combinem em sintagmas ou sentenças, como afirma Araújo (2013).

Sabe-se que, nas línguas orais, a entonação da voz é responsável na diferenciação entre os tipos de sentenças, isto é, as orações interrogativas possuem uma entonação ascendente, enquanto as declarativas apresentam uma queda na entonação. Porém, como na língua de sinais essa diferenciação sonora não é considerada, as expressões faciais determinam o tipo de sentença.

Araújo (2013) diz que, na ASL, as *Yes/No questions* (perguntas de sim/não) são realizadas com as sobranças levantadas, os olhos arregalados e a cabeça inclinada. Esse mesmo processo ocorre na Libras, onde as ENMs são fundamentais, pois marcam de forma semelhante esses tipos frasais da língua.

Sandler e Lilo-Martin (2006) dizem que o movimento da boca ao mesmo tempo em que se realiza um determinado sinal, articulando o vocábulo correspondente ao sinal na língua oral, pode ser considerado, também, uma ENM. Ainda com base nos autores, essa é uma função relevante na língua de sinais, pois evita a ambiguidade para um mesmo sinal que possa corresponder a dois conceitos distintos.

Como mencionado anteriormente, as expressões faciais determinam tipos frasais das línguas de sinais, como a diferenciação entre sentenças (afirmativas, negativas, entre outras); ademais a marcação de construções sintáticas é feita por tais expressões.

No item abaixo, apresentar-se-á detalhadamente a função que as expressões faciais desempenham na Língua Brasileira de Sinais.

2.4 EXPRESSÕES FACIAIS E SEU PAPEL NA LIBRAS

Primeiramente, é preciso dizer que estudos sobre as expressões faciais tiveram seu início na ASL e, mais recentemente, começaram na Libras. Ainda são poucas as pesquisas sobre a língua de sinais como L2 e, menos ainda, com foco nas expressões faciais. O estudo das línguas de sinais como L2 é um campo inexplorado, porém rico em potencialidades de pesquisas. Essa afirmação se justifica, visto que o estudo de L2 para línguas orais tem atraído muito interesse entre os pesquisadores e, provavelmente, os aprendizes de língua de sinais como L2 devem passar pelos mesmos desafios que os aprendizes de L2 em línguas faladas, ou seja, é uma área que está carente cientificamente. Ademais, o fato de as línguas de sinais apresentarem aspectos específicos devido à diferença de modalidade em relação às línguas faladas, como a questão da gramática espacial-visual, faz com que mereçam uma atenção especial dos pesquisadores.

Em virtude disso, neste tópico, em uma tentativa de explicação, abordar-se-ão as expressões faciais da língua de sinais brasileira também em paralelo a estudos da ASL, seguindo autores que se voltaram a essa reflexão.

Segundo Quadros et al (2009)⁴, as marcações linguísticas e afetivas das expressões faciais diferem da ASL de várias formas. Há quatro distinções primordiais entre esses tipos de expressões faciais que marcam o uso distinto da mesma musculatura facial:

- (i) rápido início e compensação da ativação muscular: as expressões faciais afetivas são inconsistentes e inconstantes nos seus padrões de início e de compensação; em oposição, as expressões faciais linguísticas na ASL são claras, rápidas e específicas;
- (ii) músculos faciais individualizados: as expressões que passam ideia de afetividade são globais e fazem o uso de um conjunto de músculos pertencentes à face; expressões faciais gramaticais podem escolher músculos individuais que nunca se tornam individualizados em uma expressão normal de emoção;
- (iii) escopo linguístico: expressões de afetividade podem ocorrer tanto no início como depois de uma produção linguística e não necessariamente associadas a um evento específico; as expressões que passam ideias gramaticais estão/são ligadas intrinsecamente com as sinalizações manuais;
- (iv) obrigatoriedade: as marcações linguísticas faciais para a função específica a que pertencem (sentenças relativas ou condicionais) são essenciais na ASL, enquanto a marca manual é dispensável.

Com base em Quadros et al (2009: 8), portanto, o comportamento facial linguístico na ASL constitui um conjunto limitado de comportamentos categóricos ou discretos no qual os componentes, escopo e forma são regras governadas e impostas pelos requisitos do sistema linguístico. Os comportamentos faciais que passam a ideia de afetividade são contínuos, mostrando larga variação ao longo de todos esses parâmetros, diferentemente dos comportamentos faciais com funções sintáticas.

Ekman (2003) fala sobre as expressões faciais de emoção e submete a questão dos estudos em laboratório para comprovar que elas são universais, embora existam diferenças culturais associadas a seu uso. Nesse ponto, ele chama a atenção para o fato de que as pessoas foram ensinadas a gerir e/ou controlar as expressões faciais causadas pelas emoções.

⁴ Esta referência trata-se de um polígrafo utilizado no curso de Letras – Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. O mesmo encontra-se disponível em http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf.

Araújo (2013) diz que o trabalho de Ekman não está voltado para a linguística, porém nos faz entender e pensar quais são e como se comportam as expressões faciais, uma vez que estão presentes nas línguas de sinais, desempenhando funções linguísticas.

Ainda que os músculos faciais sejam os mesmos que usamos para demonstrar as emoções, Reilly (2006), por sua vez, defende que, em primeira instância, para que possamos demonstrá-las, não precisamos necessariamente da linguagem. Por outro viés, são linguísticas as expressões não-manuais que geralmente coocorrem com a realização dos sinais:

Reilly (2006: 266) fala que:

Embora a expressão facial gramatical morfológica use os mesmos músculos como aqueles que são recrutados nas expressões emocionais, o seu âmbito de tempo (início, término e duração) e, muitas vezes, o contexto diferem. Em primeiro lugar, enquanto a expressão facial de emoção pode ser usada independente da linguagem, o comportamento facial gramatical invariavelmente coocorre com uma expressão feita manualmente.

É preciso destacar também que a expressão facial gramatical é linguisticamente determinada: começa um pouco antes de se iniciar o sinal manual, alcança o ápice da intensidade durante o sinal e termina antes que o próximo sinal comece, como afirma Araújo (2013).

Ainda com base em Reilly (2006), merece atenção o fato de que as expressões que traduzem emoções são variáveis na sua intensidade e no tempo que duram, como a expressão de ‘zanga’. Quando essa ocorre, a testa é franzida e esse franzimento pode durar segundos ou muitos minutos, além de poder ficar muito franzida ou pouco franzida.

Contudo, sabe-se que a expressão emocional faz parte do dia a dia das pessoas e esta, tampouco, pode ser confundida com as expressões faciais que possuem um papel linguístico nas línguas de sinais.

Com base nas informações anteriores, a próxima seção apresentará o papel linguístico que as expressões faciais desempenham nos tipos de frases existentes na Libras.

2.4.1 Tipos frasais na Libras

Como já foi indicado, Souza (2009) e Felipe (2006) avigoram que as línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer os vários tipos de frases, semelhante às entonações da língua portuguesa. Para perceber a tipologia da frase, isto é, se a sentença é afirmativa, exclamativa, interrogativa ou negativa, o emissor precisa estar atento às expressões faciais e corporais que, geralmente, são associadas simultaneamente com outros

sinais da frase ou com toda a frase. A seguir, trazem-se aspectos a serem considerados para cada tipo de frase.

2.4.1.1 Forma Afirmativa

Neste tipo de frase, a expressão facial se mantém neutra. Pode-se exemplificar tal afirmação por meio da Figura 10⁵:

Figura 10- Imagens para a sentença ‘Você é professor.’



Fonte: Autoria própria (2014).

Entende-se por expressão neutra quando o emissor não altera sua expressão facial. O usuário poderá fazer alguma configuração labial, como oralização, mas movimentos de olhos, sobrancelhas e cabeça não deverão ser feitas.

Nessa imagem, os detalhes possibilitam ver que a expressão facial do sinalizador permanece inalterada. Com isso, a frase sinalizada torna-se afirmativa.

2.4.1.2 Forma Interrogativa

Diferentemente da forma afirmativa, a frase interrogativa possui algumas expressões faciais que a diferenciam dos demais tipos frasais. Geralmente, na forma interrogativa, as sobrancelhas permanecem franzidas, e essa expressão é acompanhada por uma ligeira inclinação da cabeça, como mostra a Figura 11.

⁵As imagens constantes nesta seção e suas subdivisões foram retiradas do trabalho de conclusão de curso intitulado “Língua Brasileira de Sinais: as dificuldades apontadas por utentes de língua portuguesa na execução da marcação não-manual e sua implicação na mudança de significado”, de Souza (2008). Ressalta-se que os participantes do estudo autorizaram o uso das imagens resultantes da pesquisa.

Figura 11- Imagens para a sentença ‘Você é casado (a)?’



Fonte: Autoria própria (2014).

Nessas imagens, é possível ver que a usuária da Libras inicia a sinalização com o franzimento da sobrancelha; logo após, nota-se a inclinação da cabeça.

2.4.1.3 Forma Exclamativa

A forma exclamativa é caracterizada pelo levantamento das sobrancelhas e pelo ligeiro movimento de cabeça que se inclina para cima e para baixo. Esta pode ser precedida por um intensificador representado pelo fechamento da boca com um movimento para baixo, como revela a imagem mais à esquerda da Figura 12.

Figura 12- Imagens para a sentença ‘Carro bonito!’



Fonte: Autoria própria (2014).

Os detalhes dessas imagens permitem ver que a sinalizante inicia a produção com o levantamento das sobrancelhas. Em seguida, apresenta, como intensificador, o fechamento da boca – com o movimento para baixo -, juntamente com as bochechas infladas.

2.4.1.4 Forma Negativa

A sentença negativa possui suas particularidades, pois pode ser representada de três maneiras diferentes:

- Acrescida do sinal NÃO à frase afirmativa: nesta forma, o emissor apenas insere o movimento de negação, sinalizado pelo movimento de cabeça, simultaneamente com a execução do sinal, como é possível verificar na Figura 13.

Figura 13- Imagens para a sentença ‘Eu não ouço.’



Fonte: Autoria própria (2014).

Nessa produção, a sinalizante começa a oração com uma marcação de estranheza, após realiza o movimento de negação com a cabeça e, como intensificador, utiliza simultaneamente a produção de negação com uma das mãos.

- Pode ser executada com a incorporação de um movimento contrário ou desigual ao sinal negado, conforme mostra a Figura 14.

Figura 14- Produção da sentença “Eu gosto/não gosto.”

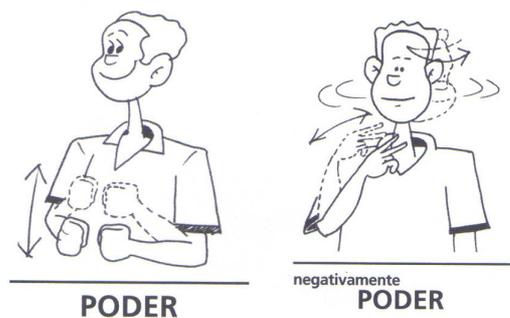


Fonte: FELIPE (2006: 66).

Na segunda figura, nota-se que o sinal de negação é realizado de forma contrária do sinal da primeira figura; ademais de ocorrer, também, a negação com a cabeça.

- Esta última maneira de execução da forma negativa pode ser realizada com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada, como é possível verificar na Figura 15.

Figura 15- Produção da sentença “Posso/não posso.”



Fonte: FELIPE (2006: 66).

Na segunda figura, percebe-se que o sinal é realizado simultaneamente com o aceno de cabeça que indica a negação.

2.4.1.5 Forma Negativa/Interrogativa

Tal frase é sinalizada com as sobrancelhas franzidas e um aceno de negação, realizado pela cabeça, conforme ilustrações na Figura 16.

Figura 16- Produção de “Você não é casado?”



Fonte: Autoria própria (2014).

Os detalhes das expressões permitem ver que a usuária, primeiramente, franze as sobrancelhas e, em seguida, inclina a cabeça para frente (mostrando a forma interrogativa presente na sentença). Após, é realizado o sinal de negação com uma das mãos, juntamente com um intensificador realizado com os lábios.

2.4.1.6 Forma Exclamativa/Interrogativa

A sinalização deste tipo de frase se dá pelo levantamento das sobrancelhas e pela inclinação da cabeça.

Figura 17- Produção da sentença “Você vai casar!?”



Fonte: Autoria própria (2014).

Na imagem da Figura 17, percebe-se que a sinalizante levantou as sobrancelhas como marcação de sentença exclamativa e, posteriormente, inclinou a cabeça como marcação da interrogativa.

Como se observa, as expressões faciais da Libras apresentam possibilidades de estabelecimento de relações gramaticais no espaço, através das diferentes formas vistas.

Ressalta-se que as expressões faciais com fins gramaticais estão associadas a uma determinada estrutura sintática e apresentam um escopo bem definido. Em uma mesma sentença, é possível ter mais de uma expressão facial, como visto anteriormente, e sua ausência poderá deixar a sentença agramatical ou com mudanças de significado. Para exemplificar tais afirmações, têm-se como exemplos os vocábulos silêncio e parar; o primeiro deve ser sinalizado com o dedo indicador sobre a boca, juntamente com a expressão facial calma e serena, porém caso o sinalizador execute o mesmo sinal utilizando um movimento mais rápido e com uma expressão de zanga, alterará, assim, seu significado para *cale a boca!*. A segunda palavra deve ser executada com a mão aberta, juntamente com o movimento brusco e com expressão séria, contudo caso esta seja sinalizada com o mesmo sinal, porém com um movimento lento e com uma expressão facial de tranquilidade, tal palavra passará a ter o significado de *calma*.

Frente às funções que as expressões não-manuais possuem e suas peculiaridades quanto ao processo de aquisição, o próximo capítulo trará aspectos relacionados aos processos de aquisição da linguagem (tanto em ouvintes, quanto em surdos) e a aquisição da Libras como L2.

3 A AQUISIÇÃO DE LÍNGUAS

Neste capítulo, abordam-se aspectos considerados relevantes para a discussão do tema em foco, dando atenção ao que se assume como aquisição segundo o modelo gerativista.

A linguística gerativa é uma corrente teórica de estudos da ciência da linguagem que teve início nos Estados Unidos a partir dos trabalhos do linguísta Noam Chomsky.

A abordagem gerativista, identificada por alguns como inatista, pressupõe a existência de um mecanismo inato responsável pela aquisição da linguagem.

De acordo com Quadros (2008), a Teoria Gerativa, responsável por essa concepção, caracteriza-se pela busca de elucidação da natureza das línguas naturais, mais especificadamente do que consiste o conhecimento de que o ser humano dispõe quando utiliza qualquer língua natural.

O gerativismo está calcado na tese de que existiram três tipos de ideias: (I) as vindas de fora, (II) as fictícias e (III) as inatas cujas ideias que formariam esse último grupo não poderiam ser explicadas pelas experiências sensoriais, dado que por serem inatas, seriam, necessariamente, universais. A ideia central chomskiana está pautada no inatismo e na concepção que existe um dispositivo independente para a linguagem de caráter altamente criativo.

Kenedy (2008) relata que: “A linguística gerativa foi inicialmente formulada como uma espécie de resposta e rejeição ao modelo behaviorista de descrição dos fatos da linguagem, modelo esse que foi dominante na linguística e nas ciências de uma maneira geral durante a primeira metade do século XX”.

Para os behavioristas, a linguagem humana era interpretada como um condicionamento social, uma resposta que o indivíduo produzia mediante os estímulos dados pela interação social.

Um pesquisador gerativista afirmará que a linguagem humana é um fenômeno interno ao indivíduo, onde este é capaz de construir frases inéditas jamais ditas antes pelo próprio falante. Chomsky chama atenção para o fato de o falante ser altamente criativo quanto ao uso da linguagem e, ademais, afirma que a criatividade é o principal aspecto caracterizador do comportamento linguístico humano.

Seguindo este pensamento, ao considerar a criatividade como principal característica da linguagem humana, então, devemos abandonar qualquer modelo interacionista, já que nele não há espaço para eventos criativos.

Com essas concepções, Chomsky revitalizou o racionalismo dos estudos da linguagem, em oposição ao empirismo. A capacidade que o ser humano tem de falar e entender uma língua deve ser vista como o resultado de um dispositivo inato, interna ao organismo humano. Essa disposição inata recebeu o nome de *faculdade da linguagem*.

O gerativismo tem como papel principal constituir um modelo teórico capaz de descrever e explicar a natureza do funcionamento dessa faculdade, o que significa procurar a compreensão de um dos aspectos mais importantes da mente humana.

Chomsky apud Kenedy (2008) afirmou que:

Uma das razões para estudar a linguagem é a possibilidade instigante de ver a linguagem como um “espelho do espírito”, como diz a expressão tradicional. Com isto não quero apenas dizer que os conceitos expressados e as distinções desenvolvidas no uso normal da linguagem nos revelam os modelos do pensamento e o universo do “senso comum” construídos pela mente humana. Mais instigante, ainda, é a possibilidade de descobrir princípios abstratos que governam sua estrutura e uso (...).

Com o surgimento do gerativismo, as línguas deixaram de ser interpretadas como um comportamento socialmente condicionado e passam a ser analisadas como uma faculdade mental natural.

Para o precursor do gerativismo, a língua é composta por um conjunto infinito de sentenças, geradas a partir de regras finitas.

Chomsky apud Quadros e Karnopp (2004) diz que: “Doravante considere uma língua[gem] como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”.

Para Chomsky, o conceito de língua pode ser analisado em duas abordagens: a língua externa e a língua interna. A primeira refere-se ao conceito difundido por Bloomfield, relacionado à definição de *langue* por Saussure, associando o som à palavra e, consecutivamente, ao seu significado. Este é o conceito técnico que considera as línguas como instâncias da linguagem externalizada. A segunda, a língua interna, define a 'noção de estrutura' como parte de uma sentença estável, livre de expressões que podem variar de pessoa para pessoa.

Chomsky adota uma postura inatista na consideração do processo por meio do qual o ser humano adquire a linguagem. A linguagem seria adquirida como resultado de um dispositivo inato, inscrito na mente do falante.

Finger e Quadros (2008) afirmam que Chomsky retoma suas ideias sobre aquisição da linguagem por meio da formulação do “Problema de Platão”: como a aquisição da linguagem é possível, uma vez que, embora a criança esteja exposta a um conjunto limitado de dados, ela

é capaz de formular uma língua altamente complexa, em um período bastante curto de tempo? Assim, reinterpretando a questão, Chomsky propõe que há certos aspectos do nosso conhecimento e do nosso entendimento que são inatos, fazem parte da nossa determinação genética e da nossa natureza. Na perspectiva inatista, há um componente da faculdade da linguagem na mente da criança; a interação entre fatores ambientais e biológicos explica o uso que a criança faz da linguagem, tanto com relação à sua compreensão, como com a produção da linguagem.

A aquisição da linguagem é um processo que apresenta padrões universais que são acessados a partir do ambiente. Crianças diferentes, em situações distintas, passam pelos mesmos estágios de aquisição, o que sugere que a língua adquirida não seja aprendida, mas sim determinada por princípios linguísticos inatos que interagem com a língua que a criança é exposta no ambiente.

A criança adquire a linguagem sem nenhum esforço, sem instrução explícita, em pouco tempo e da mesma forma em diferentes línguas, ou seja, todas as crianças parecem passar pelos mesmos estágios da aquisição.

Entende-se por faculdade da linguagem o dispositivo inato, presente em todos os seres humanos como herança biológica, que nos fornece um algoritmo, isto é, um sistema gerativo, um conjunto de instruções passo a passo o qual nos torna capazes para desenvolver (adquirir) a gramática de uma língua. Esse algoritmo recebe o nome de *Gramática Universal* (GU).

Kenedy (2008) relata que deve-se entender por GU o conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU.

Várias pesquisas têm mostrado que as crianças adquirem sua língua materna com base nas evidências positivas, ou seja, a partir de uma mera exposição a instâncias de uma língua que a cerca, sem a necessidade de que exista algum tipo de correção por parte das pessoas que convivem com elas. A criança ouve ou vê a língua (nesse caso, língua de sinais) que está sendo usada no seu ambiente e, a partir dela, com base nos princípios e parâmetros⁶ da GU, forma sua gramática estável.

A língua ou as línguas que a criança é exposta funcionam como uma “arranque” que desencadeia a aquisição da linguagem.

⁶ Elaborada por Chomsky, a Teoria de Princípios e Parâmetros significou uma adequação dos conceitos da GU. Passou-se a acreditar que a GU é disposta por princípios que são constantes e que são usadas igualmente em todas as línguas; contendo, também, parâmetros que têm representações definidas pela língua que se encontre, ocasionando as divergências entre as línguas e as transformações dentro de uma mesma língua.

Raposo (1998) diz que a informação a que a criança é exposta não necessariamente reflete a riqueza e as possibilidades de combinações na língua que ela já usa por volta dos três anos. Até os cinco anos de idade, a criança já adquiriu a linguagem, utilizando, pelo menos, uma língua independente do *input* linguístico a que ela é exposta. Esse processo ocorre de forma similar em diferentes comunidades linguísticas. Sob a perspectiva gerativista, a investigação é norteada por três questões centrais⁷. A existência de um mecanismo de aquisição da linguagem favorece a explicação de tais fatos observados ao longo desse processo. Com isso, os defensores da concepção inatista partem da premissa de que todos os usuários de uma determinada língua conhecem as propriedades abstratas da linguagem que não são ensinadas por meio da evidência positiva (Problema de Platão).

A gramática que a criança possui, segundo Finger e Quadros (2008), é entendida, no sentido teórico, como entidade mental e não como um conjunto de fonemas, morfemas e construções frasais. É justamente essa gramática que nos permite estabelecer relações gramaticais, por exemplo, entre um referente e um pronome de acordo com as posições que eles ocupam em uma sentença.

Com base nas elucidações acima, o próximo tópico apresentará os estágios de aquisição da linguagem.

3.1 ESTÁGIOS DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A linguagem humana é extremamente complexa e envolve diferentes níveis do sistema linguístico, formando um sistema intrincado de unidades abstratas que é usado pela criança, mesmo sendo ela pequena (Finger e Quadros, 2008).

Abaixo, apresentar-se-ão os estágios da aquisição subdivididos em períodos pré-linguístico e linguístico.

⁷ a) Qual a natureza do conhecimento inicial da linguagem na criança?

b) Como as crianças adquirem a linguagem?

c) Quais tipos de conhecimento linguístico a criança apresenta ao longo do seu processo de aquisição da linguagem?

3.1.1 Estágios da aquisição da linguagem por surdos

As pesquisas desenvolvidas na contemporaneidade sobre a aquisição da ASL (American Sign Language) evidenciam que essa pode ser comparada à aquisição das línguas orais em muitos aspectos. Como afirma Quadros (1997, pág. 70), normalmente as pesquisas envolvem a análise de produções de crianças surdas, filhas de pais surdos; somente esse grupo de informantes apresenta o *input* linguístico adequado e garantido para análises do processo de aquisição.

Levando em consideração que o processo de aquisição das línguas de sinais é análogo ao processo de aquisição das línguas orais, os subtemas seguintes estão subdivididos em estágios de aquisição adotados nos estudos sobre aquisição da ASL por surdos.

3.1.1.1 Período pré-linguístico

Petitto e Manandette (1991) realizaram uma pesquisa sobre o balbucio em bebês surdos e ouvintes no mesmo período de desenvolvimento (do nascimento aos 14 meses). Foi evidenciado que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, como fruto da capacidade inata para a linguagem. As autoras, como afirma Quadros (1997), constataram que essa capacidade não só é manifestada através dos sons, como também por meio de sinais. Nos dados analisados, foram observadas todas as produções orais para detectar a organização sistemática do período; também se observou todas as produções manuais dos bebês surdos para constatar se tal organização ocorria com as crianças surdas.

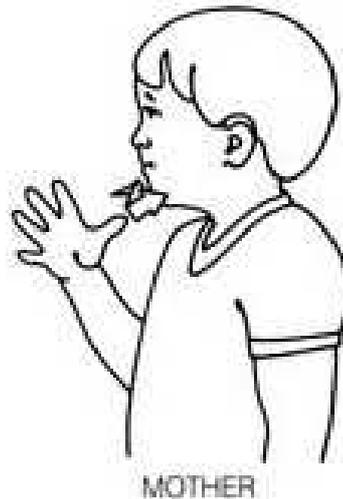
Os dados evidenciaram um desenvolvimento paralelo nos balbucios oral e manual. Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentaram os dois tipos de balbucio até um dado estágio e desenvolvem o balbucio da sua modalidade. Por consequência disto, é que estudos afirmam que as crianças surdas balbuciam oralmente até um determinado tempo; as vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar.

3.1.1.2 Estágio de um sinal

Esse estágio inicia por volta dos doze meses da criança surda e percorre até por volta dos dois anos. Estudos apontaram, segundo Karnopp (1994), que o início do estágio de um sinal ocorre por volta dos seis meses em bebês surdos filhos de pais surdos adquirindo a

língua de sinais. Porém, sabe-se que crianças ouvintes no processo de aquisição das línguas orais iniciam esse período por volta dos doze meses de idade. Lillo-Martin (1986 citado por Quadros, 1997, p.70), observa que as razões apontadas por esses estudos para explicar tal diferença cronológica tem base no desenvolvimento dos mecanismos físicos (trato vocal e mãos). No entanto, Petitto (1987) *apud* Quadros (1997) argumenta que a criança simplesmente produz gestos que diferem dos sinais produzidos por volta dos quatorze meses, com base nas análises das produções gestuais como parte do balbucio, período pré-linguístico. As primeiras produções na ASL incluem as formas chamadas ‘congeladas’ da produção adulta. Entende-se por formas ‘congeladas’ aqueles sinais que não são flexionáveis, tipo MOTHER, na ASL. Quando um sinal apresenta flexões no padrão adulto, a criança utiliza formas morfofonêmicas.

Figura 18 – Sinalização de ‘mother’.



Crianças surdas com menos de um ano, bem como as ouvintes, apontam com muita frequência para objetos e pessoas; mas quando criança entra no estágio de um sinal, a apontação desaparece. Petitto (1991) sugere que nessa fase parece ocorrer uma reorganização básica em que o infante muda o conceito de apontação inicialmente gestual (fase pré-linguística) para visualizá-la como elemento gramatical da língua de sinais (fase linguística).

3.1.1.3 Estágio das primeiras combinações

Por meados dos dois anos surgem as primeiras combinações de sinais em crianças surdas. Hoffmeister (1978 citado por Quadros, 1997, p.71), observou que a ordem usada pelas crianças surdas durante esse estágio é SV, VO ou ainda, em um período posterior, SVO.

Méier (1980) verificou que, assim como o japonês e o croata, nem todos os verbos da ASL podem ser flexionados para marcar as relações gramaticais em uma dada sentença.

Segundo Quadros (1997, p. 72):

Existem alguns verbos que apresentam limitações lexicais e fonológicas para incorporar pronomes, como os verbos ancorados no corpo: gostar e pensar. Isso sugere que os aprendizes surdos devem adquirir duas estratégias para marcar as relações gramaticais – a incorporação dos indicadores e a ordem das palavras -. A incorporação dos indicadores envolve a concordância verbal, e essa depende diretamente da aquisição do sistema pronominal.

No estágio em tópico, as crianças começam a usar o sistema pronominal de forma inconsistente. Estudos realizados por Bellugie Klima (1979 citado por Quadros, 1997, p.72) detectaram que o padrão de aquisição das crianças surdas é muito próximo ao das crianças ouvintes.

O tópico seguinte abordará rapidamente as possíveis semelhanças e diferenças existentes no processo de aquisição da linguagem em crianças surdas e ouvintes.

3.2 AQUISIÇÃO DE LÍNGUAS POR OUVINTES E SURDOS

De acordo com Petitto (1991), o período pré-linguístico se estende do nascimento ao início dos primeiros sinais. Ainda com base na autora, verificou-se que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, surdos e ouvintes, como fruto da capacidade inata da linguagem: essa capacidade manifesta-se não só através dos sons, mas também por meio dos sinais.

Konig e Lemes (2005), em seus estudos sobre as diferenças no processo de aquisição da linguagem entre surdos e ouvintes, relatam que nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbucio – o manual silábico e a gesticulação - aquele apresenta combinações que fazem parte do sistema linguístico da língua de sinais, já a gesticulação não apresenta organização interna. Estudos atuais afirmam que as crianças surdas balbuciam até um determinado período e este desenvolvimento oral e manual é paralelo nas crianças surdas e ouvintes. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são nos bebês ouvintes, pois o *input* recebido pelos infantes favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbucio.

Sabe-se que o *input* visual é extremamente necessário para que um bebê passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. Aspectos visuais, como o contato entre os interlocutores, a produção de um complexo e sofisticado balbucio manual de gestos sociais e de apontamento são relevantes para o desenvolvimento das habilidades linguísticas da criança. Muitos desses aspectos continuam sendo produzidos no período linguístico como o contato visual, expressões faciais e o apontar (lexicalizado).

A interação entre a criança e a mãe, no processo de aquisição da linguagem, salienta as diferenças entre mães ouvintes e mães surdas na interação com seus filhos nos primeiros meses de vida. Segundo Konig e Lemes (2007), mães surdas misturam vocalizações e sinais mesmo quando o bebê é surdo, porém esse *input* apresenta variações de acordo com as diferentes fases do desenvolvimento da criança. À medida que ela vai aumentando o repertório produtivo, a mãe surda começa a usar mais sinais e a utilizar maiores estratégias de atenção visual.

Ouvintes e surdos produzem, também, gestos manuais (simbólicos) similares durante o primeiro ano, tornando-se difícil diferenciar o balbucio manual compartilhado entre crianças surdas e ouvintes.

A aquisição dos primeiros sinais representa, de certa forma, o limite entre os estágios pré-linguístico e o linguístico, sendo que as produções do período linguístico referem-se a

qualquer sinal do padrão adulto que é articulado pelo bebê em um contexto e que é entendido pelos interlocutores com algum significado, embora variável.

Como é possível verificar, crianças ouvintes e surdas apresentam diferenças e semelhanças quanto ao processo de aquisição da linguagem, independente do *input* recebido pelas suas mães.

Ressalta-se que há a pretensão de maior detalhamento sobre as similitudes e as diferenças na aquisição da linguagem na versão final da dissertação.

3.3 A AQUISIÇÃO DA LIBRAS COMO L2

De acordo com Ellis (1997), o termo L2 refere-se a qualquer idioma aprendido posteriormente à língua materna. Neste tópico, se abordará a Libras como L2, pois esta é aprendida como segunda língua por ouvintes, assumindo, muitas vezes, a característica de uma língua estrangeira.

Felder & Henriques (1995) relatam que adquirir uma língua significa ser capaz de usá-la sem necessariamente ser capaz de articular suas regras. Por meio do contínuo insumo linguístico, cresce a capacidade de compreensão de conversão. Nesse processo, o aprendiz ganha uma habilidade de transferir estratégias, fazer suposições sobre o novo sistema, formular e testar hipóteses e regras para depois mantê-las ou abandoná-las. A hipótese é que no processo de aquisição, o indivíduo segue uma progressão que parte do específico para o geral e que, portanto, pode ser considerado um processo indutivo.

Ao contrário, como conta Murad (2004, p. 21), a aprendizagem de uma língua é um processo consciente que envolve a exposição formal às regras da língua, guiadas pelas suas aplicabilidades diretas em que predomina o *feedback* corretivo que reforça a correção e descarta a incorreção, relegando o uso para o segundo plano. O fluxo do processo de aprendizagem que segue do geral para o específico sugere a caracterização de um processo dedutivo.

Murad (2004) relata que, quanto à aquisição da L2, basicamente existem três maneiras de aquisição da L2:

- a aquisição simultânea da L1 e da L2;
- a aquisição espontânea da L2 e não simultânea;
- a aprendizagem da L2 de forma sistemática.

A aquisição simultânea da L1 e da L2 pode ocorrer com infantes que são filhos de pais que utilizam duas línguas distintas ou utilizam uma língua diferente no ambiente onde

residem. A aquisição espontânea poderá ocorrer em pessoas que, depois de um tempo, acabam mudando-se para outro país de língua diferente.

E, por último, a aquisição sistemática da L2 que se dá nas escolas de línguas estrangeiras. A diferenciação entre aquisição da L1 e a aquisição da L2 está intrinsecamente relacionada com a forma de exposição do aprendiz. Quando uma criança é exposta à sua língua materna (L1), a aquisição ocorre de forma natural, isto é, espontânea. Por outro lado, a aquisição da L2 ocorre, muitas vezes, em um ambiente não natural e de forma sistemática, através das metodologias de ensino.

A educação sistemática envolve um processo distinto da aquisição da L1. Scliar-Cabral (1975 *apud* Quadros, 1997) observa que a não-exposição à língua nativa, no período de aquisição da L1, causa danos irreparáveis à organização psicossocial do indivíduo. Isto não ocorre na L2, pois uma pessoa que se expõe a um grupo que fala um idioma diferente do seu não corre risco de ter danos irreversíveis em relação ao mecanismo da linguagem. Embora não conheça o idioma, ela já tem o domínio de uma língua que lhe garante o total funcionamento do mecanismo linguístico.

Referente à importância das características da interação no ambiente em que ocorre o processo de aquisição de L2, Quadros (1997) aponta três aspectos de interação verbal que podem ser diferenciados: o *input* (a recepção), o *output* (a produção) e o *feedback*. O *input* é a linguagem oferecida para o aprendiz por falantes nativos, professores ou por outros estudantes; os estudantes de L2 utilizam o *input* para formar hipóteses sobre a linguagem. O *output* é a linguagem utilizada pelos próprios discentes. Por meio da própria produção, os alunos poderão testar suas hipóteses. O *feedback* é a reação oferecida na conversação frente à produção do aprendiz; este recurso ajuda o aprendiz a avaliar suas hipóteses.

O papel do *input* é inquestionável. Para que o aprendiz possa ativar o desenvolvimento da língua é necessário o *input* auditivo e visual.

Quadros (1997) afirma que, no caso da aquisição da Libras, o *input* visual é extremamente importante; este, por sua vez, deve ser explorado qualitativamente e deve ser avaliado o tempo necessário de exposição para que o processo de aquisição ocorra adequadamente.

Estudos sobre o ambiente linguístico ao qual o aprendiz está exposto mostraram que o *input* recebido não é suficiente para a aquisição da linguagem.

No processo de aquisição da Libras como L2, sabe-se que, como já indicou Quadros (1997), o *input* visual é extremamente importante. Esse deve ser explorado qualitativamente e deve ser avaliado o tempo necessário de exposição para que o processo de aprendizagem ocorra adequadamente.

Porém, estudos sobre o ambiente linguístico mostraram que o *input* recebido não é suficiente para a aquisição da linguagem. White (2003) apresenta três problemas acerca do *input*: a subdeterminação, a degeneração e a ausência de evidência negativa. A subdeterminação se refere ao fato de que vários aspectos da língua são subdeterminados pelo *input*, isto é, o conhecimento que a pessoa adquire da sua língua, chamado de competência linguística, inclui noções que não são óbvias no *input* recebido e que não são ensinadas diretamente. O conhecimento implícito subjacente ao uso da linguagem vai muito além daquilo a que uma pessoa qualquer estaria realmente exposta, e este conhecimento não poderia ser adquirido através de estratégias gerais de aprendizagem ou habilidades de solução de problemas. A degeneração se refere ao fato de que o *input* que o aprendiz recebe nem sempre é perfeito. Ainda com base em White (2003), na verdade, este *input* é cheio de erros, hesitações e interrupções, incluindo frases agramaticais e formas parciais tanto quanto frases gramaticais. A ausência de evidência negativa, ou seja, ausência de informações explícitas sobre que frases seriam agramaticais constitui outro obstáculo para a aprendizagem da língua.

Chomsky (2009) diz que a aquisição de uma língua é possível porque a GU tem uma base biológica, ou seja, mecanismos inatos da mente que permitem a aquisição da linguagem. Estes mecanismos constituiriam os princípios e parâmetros da GU e estariam presentes na forma de estruturas mentais inatas, que formam o Dispositivo de Aquisição da Linguagem. Este dispositivo conteria os princípios universais inerentes a todas as línguas humanas e também os parâmetros que permitem suas variações e, por isso, seria responsável por construir a competência linguística a partir dos dados linguísticos do *input*.

A aprendizagem de uma L2 poderá apresentar obstáculos a um aprendiz em virtude das diferenças existentes entre a L1 e a língua alvo. Embora, no contexto deste trabalho, a L2 seja a Libras, no processo de apropriação desta, pode haver obstáculos enfrentados por parte dos aprendizes.

Na língua de sinais um dos obstáculos apresentados por ouvintes refere-se à execução das marcações não-manuais, como posição de cabeça, movimentação corporal e expressões faciais. Como dito em seções anteriores, Souza (2009) realizou um estudo em que chama atenção para os usos das expressões faciais por aprendizes ouvintes de Libras. O autor diz que tais aprendizes possuem dificuldades na aprendizagem das expressões faciais, pois, na Libras,

tais expressões prestam-se a dois papéis: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais.

Na marcação de construções sintáticas, as expressões faciais frequentemente são acompanhadas por sinais manuais. Liddel (1980 *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 131) relata que “a face do sinalizador raramente é neutra ou descontráida; a sinalização também é acompanhada pela posição de cabeça ‘não-neutra’, por movimentos da cabeça e movimentos do corpo”.

No que tange à diferenciação de itens lexicais, as expressões faciais fazem parte essencial na semântica de alguns vocábulos. Souza (2009) também afirmou que a simples mudança de uma condição para outra poderá resultar em uma nova palavra. Para elucidar tal explicação, vale a pena comentar que o vocábulo ‘silêncio’ é realizado com o dedo indicador sobre a boca, juntamente com a expressão facial calma e serena; contudo, se o usuário da Libras, no uso desse sinal, realizar um movimento mais rápido e com uma expressão de zanga, o sentido passará a ser ‘cale a boca’!.

A expressão facial é essencial para o uso da língua de sinais; o não domínio desta característica poderá gerar ruído quando utilizada em uma situação conversacional. As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim – não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações, concordância e foco. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), as expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto.

As expressões não-manuais, portanto, são passíveis de dificuldades no processo de aprendizagem da Libras como L2. Segundo Souza (2009), os informantes demonstraram uma maior dificuldade na execução da marcação não-manual em sentenças interrogativas, geralmente quando associadas a outras formas, como a exclamativa e a negativa.

A princípio, em virtude de tais aspectos, os ouvintes aprendizes de Libras da pesquisa de Souza (2009) apresentaram hesitações quando havia mais de uma marcação não-manual a ser sinalizada simultaneamente.

Este estudo possibilitou ver que, quando expostos a uma situação conversacional, os aprendizes acabavam demonstrando que alguns aspectos não foram dominados no processo de aprendizagem da Libras, no que tange à apropriação das expressões faciais. Souza (2009), para analisar quais dificuldades os ouvintes apresentavam na apropriação da Libras, solicitou ao participantes a sinalização de algumas sentenças, estas descritas abaixo, que necessitavam ser produzidas com diferentes expressões faciais.

1. Forma Afirmativa:
Ela é professora.
2. Forma Interrogativa:
Você é casado?
3. Forma Exclamativa:
Que carro bonito!
4. Forma Negativa:
Eu não ouço.
5. Forma Negativa/Interrogativa
Você não é casado?
6. Forma Exclamativa/Interrogativa:
Você vai casar!?

Após as sinalizações e suas análises, foi possível a formulação de quadros que possibilitaram um mapeamento dos obstáculos enfrentados por ouvintes. Tem-se aqui a retomada de um dos quadros de análise.

Quadro 4- Análise da produção de um informante verificada por Souza (2009)

Tipo de frase	Marcação/Expressão Facial correta	Marcação ausente	Alteração do significado/sentido	Consequência
Afirmativa	Sim	-	-	-
Interrogativa	Sim	-	-	-
Exclamativa	Sim	-	-	-
Negativa	Sim	-	-	-
Negativa/ Interrogativa	-	Franzimento das sobrancelhas e inclinação da cabeça	Sim	Frase tornou-se Negativa
Exclamativa/ Interrogativa	-	Levantamento das sobrancelhas	Sim	Frase tornou-se unicamente interrogativa

Baseado em Souza (2009, p.154).

Quando foram apresentadas ao informante sentenças com formas associadas (com negação e interrogação ou a exclamação e interrogação na mesma sentença), as marcações

não eram realizadas, como se observa no quadro acima, nas colunas marcadas pelo hífen. Exemplifica-se tal afirmação com base na oração “Você não é casado?”. Nesta oração, com associação entre as formas negativa e interrogativa, o sinalizador deveria tê-la produzido com as sobrancelhas franzidas e um aceno de negação, realizado pela cabeça; contudo, no momento da sinalização, o informante não realizou as expressões de interrogação; deixando, assim, a frase unicamente negativa, alterando seu significado.

Em contrapartida, em orações sem associação, as expressões faciais estavam presentes. Claro, que esta é uma pequena ilustração da pesquisa; porém é perceptível a visão dada pelos dados.

Com base nos dados obtidos por Souza (2009) em sua investigação, os procedimentos metodológicos que serão utilizados nesta pesquisa darão de certa forma, continuidade ao trabalho iniciado por ele.

O próximo capítulo trará os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa. Ressalta-se que, como explicitado nas seções anteriores, o termo “Expressões não-manuais (ENMs)” será utilizado como expressão genérica para todas as expressões faciais e corporais, tendo elas funções sintáticas ou não.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para explicitar os procedimentos metodológicos adotados nessa dissertação, faz-se necessário apresentar os diferentes momentos do percurso desta pesquisa.

Primeiramente, esta investigação pretendia, através de observações de aulas em curso de Libras, verificar como aprendizes ouvintes evidenciavam as marcações não-manuais da Libras, mais especificamente, com foco na aquisição das expressões faciais. Esperava-se, assim, refletir sobre tais aprendizes adquirem essa propriedade fonológica da língua durante aulas regulares desse idioma em sua instituição. Para isso, contatos com diversas instituições foram realizados e, até mesmo, uma turma foi acompanhada por um determinado período.

Esse grupo frequentava uma universidade federal, cursando a disciplina denominada Libras I. As observações ocorreram em noites de terças-feiras, com início em trinta de abril do ano de 2013 e com término em vinte e cinco do mês de junho do mesmo ano, correspondendo, praticamente, ao período do semestre do curso.

A disciplina era oferecida a alunos dos mais variados cursos de licenciatura e, por conseguinte, havia diferentes tipos de aprendizes. Ela foi organizada por blocos temáticos assim indicados: (I) aspectos linguísticos da Libras, (II) cumprimentos, (III) números, (IV) educação e (V) expressões faciais. Segundo a professora, o bloco (V) não era desenvolvido em uma aula específica, mas sim em todas, e seu desenvolvimento era intensificado de acordo com o nível dos educandos. De acordo com a docente, as expressões faciais estão presentes em quase todas as situações comunicacionais e, portanto, deveriam ser trabalhadas juntamente com o tema abordado em aula, claro que respeitando o nível do aprendizado em que o aluno se encontrava.

As aulas ocorreram de maneira leve e descontraída. Os alunos eram convidados a se sentarem em círculo, a fim de que as sinalizações pudessem ser vistas e orientadas pela professora.

Entre as impressões que tais observações permitiram, ressaltam-se as seguintes considerações: (i) os aprendizes ficavam à vontade quanto ao aprendizado da Libras; (ii) procuravam realizar as produções solicitadas pela professora; (iii) realizavam questionamentos quanto às sinalizações e às expressões não-manuais. Por outro lado, percebeu-se, também, que (i) as expressões faciais eram e, possivelmente, são uma das dificuldades que os discentes apresentavam, quando requeridas em frases não-afirmativas, como sentenças interrogativas e negativas; (ii) expressões faciais emocionais, como de

alegria, de admiração ou de dúvida eram produzidas naturalmente; (iii) frases afirmativas eram melhor sinalizadas quando em comparação com as demais orações feitas e/ou solicitadas pela professora.

Embora a docente seja ouvinte, não havia o uso da língua portuguesa. Notava-se o empenho que ela tinha para poder passar aos aprendizes as “sutilezas” da língua não-oral, com destaque para as expressões faciais.

Quando um tema era trabalhado, a professora contextualizava-o e pedia para que os estudantes realizassem toda a produção em Libras, considerando as especificidades da língua. Caso a produção do alunado não fosse satisfatória, a docente repetia a forma alvo ou mudava o contexto para que os estudantes entendessem a sinalização e, por conseguinte, fossem capazes de reproduzi-la. Muitos dos exercícios solicitados pela responsável da disciplina eram oriundos de situações vivenciadas no cotidiano de qualquer cidadão, fosse ele surdo ou não. Embora o ensino da Libras esteja em um contexto não naturalístico, a abordagem da docente fazia com que a aprendizagem tivesse um caráter ‘naturalista’, quanto ao uso da linguagem, pois a educadora reforçava o fato de que aprender uma língua não é simplesmente decorar regras, mas saber utilizá-la em situações reais ou mais próximas, se possível, da realidade.

No entanto, estas observações – embora ricas - foram realizadas, como mencionado anteriormente, em uma turma em nível muito inicial, cuja preocupação era apoderar-se das marcações manuais. Diante disso, acredita-se que as expressões faciais seriam melhor evidenciadas em um nível mais avançado de aprendizagem da língua.

Essas observações, acompanhadas das discussões teóricas do momento, permitiram o encaminhamento do trabalho para a banca de qualificação.

Seguindo as orientações dadas pelas professoras avaliadoras, pensou-se em direcionar o estudo para a aquisição das marcações de negação e de interrogação, pois tudo indicava que outros trabalhos tivessem desenvolvido o tema, com foco no sujeito surdo, e a produção existente poderia complementar esta pesquisa que, até então, investigaria a aquisição desse parâmetro fonológico pelo ouvinte. Além disso, também foi recomendado pelas pesquisadoras da banca o acompanhamento de outro grupo de aprendizes, repensando a forma de gerar dados para, de fato, considerar as produções em que negação e interrogação pudessem ser observadas no uso da Libras por esses alunos.

A fim de dar sequência à pesquisa e atender às considerações do momento da qualificação, procurou-se, na mesma instituição onde houve o acompanhamento do grupo de Libras I, uma turma em um nível mais avançado. No entanto, dificuldades foram surgindo,

devido a conflitos, principalmente quanto à disponibilidade de horários do pesquisador para que pudesse estar presente no turno da oferta do curso pela instituição.

Averiguaram-se, além de possíveis turmas da universidade, outras instituições de ensino, mas novas problemáticas surgiram, como o fato de que (i) alguns cursos de Libras procurados não se mostraram receptivos à pesquisa; (ii) outros não foram realizados dada a baixa procura; (iii) incompatibilidade de horários; e (iv) turmas em um nível muito inicial da aprendizagem. Diante dessas dificuldades e considerando que há prazos a cumprir, os objetivos que norteavam a pesquisa necessitaram ser repensados.

Como já foi apontado na seção de revisão teórica, a literatura pesquisada afirma a real importância das marcações não-manuais na aquisição da Libras, porém sua abrangência, considerando o acesso realizado no âmbito desse estudo, é pequena e parece insuficiente frente à especificidade do tema. Pesquisas desenvolvidas a partir da perspectiva de aquisição da Libras como L2 por ouvintes são restritas, uma vez que as investigações consultadas trazem a aquisição da Libras por sujeitos surdos, seja como L1 ou L2.

Os percalços frente à escolha e à disponibilidade dos cursos de Libras procurados, mais os questionamentos explicitados, fizeram com que este estudo fosse desenvolvido sob outro prisma.

Diante disso, entendeu-se que a continuidade do estudo teórico, focalizado no levantamento, no ‘diálogo’ entre autores que têm como objeto de investigação as marcações não-manuais, ou que a elas se referem quando tratam da Libras, contribuiria de forma mais abrangente para estudos posteriores a este. Com isso, um novo direcionamento, quase que natural, embora não o mais desejado, foi dado a esta investigação.

Nas seções seguintes, abordar-se-ão os novos rumos tomados na investigação, além das justificativas que subjazem tal direcionamento.

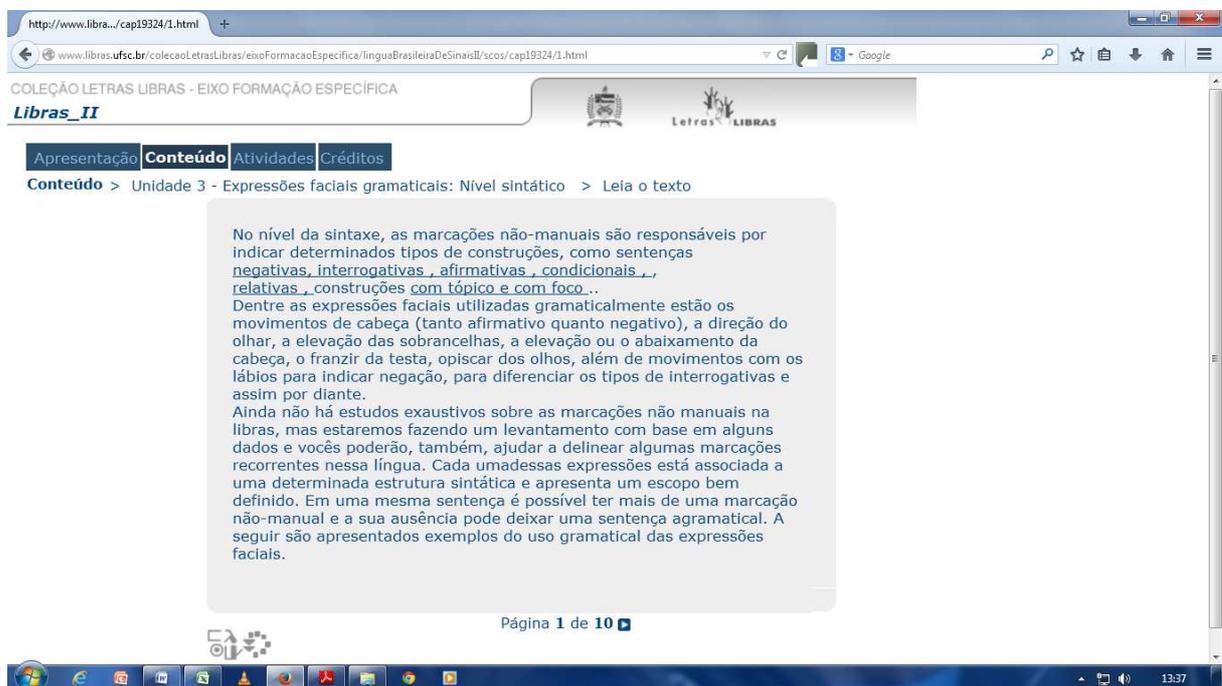
4.1 O SEGUNDO OLHAR PARA AS EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS

Conforme explicitado anteriormente, um dos motivos que gerou a mudança tanto temática quanto metodológica foi a aparente baixa quantidade de estudos sobre as expressões não-manuais das línguas de sinais.

Grande parte dos pesquisadores e/ou autores que trabalham com estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais, afirmam, categoricamente, que as expressões não-manuais, entre as quais, destaca-se neste estudo, as expressões faciais, são de fundamental importância para o entendimento real do significado; suas abordagens, no entanto, a partir do que foi averiguado,

são poucas ou breves frente ao valor que parece ser atribuído pelos pesquisadores. Até mesmo estudiosos renomados no campo da língua de sinais e universidades que possuem o curso de Letras Libras não trazem considerações aprofundadas sobre as expressões não-manuais. Esta situação é observada, inclusive, no acesso feito a uma página de uma universidade federal pesquisada, quando traz informação sobre a oferta de curso de Letras Libras presencialmente e a distância. No que se refere à disciplina Libras II, sobre as marcações não-manuais, têm-se, no conteúdo, as seguintes informações, conforme Figura 19.

Figura 19- Página de consulta sobre a descrição de disciplina de Libras



Fonte: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/scos/cap19324/1.html>

A priori, observa-se que, no acesso à aba “Conteúdo”, há uma definição em nível sintagmático, embora sucinta, das funções exercidas pelas marcações não-manuais, quanto à determinação de tipos frasais, com destaque às expressões faciais. Em adição a isso, o terceiro parágrafo destaca a inexistência de estudos exaustivos, convidando os alunos para auxiliar na delimitação funcional das MNM, tendo em vista a ampliação desse escopo.

Diante de tais apontamentos e da dificuldade de realizar a pesquisa de campo, decidiu-se, então, fazer um levantamento sobre estudos que fazem referência às expressões não-manuais, verificando o que é dito sobre tal parâmetro, a fim de estabelecer um ‘diálogo’ entre as abordagens existentes, ressaltando o espaço destinado a essas expressões nos estudos que

se voltam à Libras. Os detalhes sobre os trabalhos que se tornaram foco desta dissertação são apresentados nas seções que seguem.

4.2 O ALVO DO ESTUDO: AS EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS (RE)VISITADAS

Nesta seção, evidenciam-se os procedimentos de busca, seleção e organização do material pesquisado a partir do qual, amparado pelas discussões teóricas apresentadas até o momento, trazem-se constatações sobre a presença e a abordagem das expressões não-manuais em estudos que têm a Libras como foco, considerando o acesso realizado no âmbito desta dissertação.

4.2.1 A busca a partir de palavras-chave

O rastreamento das pesquisas que possuem a Libras como estudo, focando nas expressões não-manuais, deu-se tanto em materiais impressos, como em estudos disponíveis na rede mundial de computadores, a partir da qual esta descrição se constituiu.

Como passo primordial para a busca de estudos, realizou-se uma série de pesquisas em portais de periódicos renomados no meio acadêmico e em sítios de universidades, tendo acesso a monografias, artigos, dissertações e teses que tivessem como tema central as marcações não-manuais na língua de sinais brasileira.

Para isso, utilizaram-se as expressões de busca pensadas e originadas por meio de leituras de obras que auxiliaram a fundamentação teórica desta dissertação. As expressões indicadas no Quadro 4, acompanhadas das obras e do nome completo dos autores, parecem contemplar peculiaridades da Libras que destacam, em sua grande maioria, itens lexicais relacionados às expressões não-manuais já discutidas e exemplificadas anteriormente. Outro aspecto importante nessa lista de busca é presença do termo Libras, uma vez que é este o sistema linguístico que interessa no âmbito desta pesquisa.

Quadro 5- Expressões de busca e obras encontradas

EXPRESSÕES DE BUSCA	OBRAS ENCONTRADAS	AUTOR
Expressão facial da Libras	Tópicos Linguísticos: sintaxe na Libras	Magno Pinheiro de Almeida
	A história da Libras: um estudo descritivo das mudanças fonológicas e lexicais	Heloise Gripp Diniz
Expressões não-manuais da Libras	Parâmetros da Libras	Giselli Mara da Silva
	Os parâmetros fonológicos: configuração de mãos, ponto de articulação e movimento na aquisição da Libras - estudo de caso	Nanci Araújo Bento
	Libras II: manual de aula	Universidade Federal de Santa Catarina
	F - Libras: ambiente integrado de ensino-aprendizagem para Libras	Fabício Baptista
	Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais. Um estudo do morfema-boca	Carolina Ferreira Pêgo
	Libras: as dificuldades encontradas por ouvintes na execução da marcação não-manual	Diego Teixeira de Souza
	A identificação de unidades gramaticais na Libras: uma proposta de abordagem baseada no uso	Tarcísio de Arantes Leite
	Língua Brasileira de Sinais: Libras	Lídia da Silva
Marcação não-manual na Libras	O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)	Jéssica Arroiteia
Interrogação e negação na Libras	Aspectos linguísticos da Libras	Cristiane Seimentz Rodrigues
	Tree-Libras: especificação da língua portuguesa para Libras	Reinaldo Clemente Junior
	Entre a visibilidade da tradução de Libras e a invisibilidade da tarefa do intérprete	Andréia da Silva Rosa
	Marcas da Libras e indícios de uma interlíngua na escrita de surdos em LP	Fernanda Maria Almeida dos Santos

Negação na Libras	A atuação do intérprete de Libras em uma instituição de ensino superior	Diná Souza da Silva
	Manual de Libras	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
	EAD Libras: parâmetros da Libras	Universidade Camilo Castelo Branco
Incorporação da negação na Libras	Manual Licenciatura Letras-Libras (ead) Libras I	Ronice Muller de Quadros
	A constituição sígnica da Libras: uma proposta intersemiótica	Emílio Soares Ribeiro
	Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do sítio caiçara	Janine Gonçalves Temóteo
Fonologia da Libras	O discurso verbo-visual na Libras	Tanya A. Felipe
	A segmentação da Libras: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos	Tarcísio de Arantes Leite
Pares mínimos na Libras	Língua Brasileira de Sinais: as dificuldades encontradas por utentes de língua portuguesa na execução da marcação não-manual e sua implicação na mudança de significado	Diego Teixeira de Souza
	Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda	Lodenir Becker Karnopp
	Estrutura fonológica da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa: questões sobre a (in)dependência na estrutura linguística	Robervaldo Correia dos Santos
	Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua Brasileira de Sinais	André Nogueira Xavier
	Variação fonológica na Libras: um estudo de alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção de sinais	André Nogueira Xavier

Fonte: Autoria própria (2014).

Os termos constantes no Quadro 4 possibilitaram o encontro de vinte e nove trabalhos que fazem referência às expressões não-manuais. Ressalta-se que apenas dois trabalhos trazem a perspectiva da aquisição da Libras como L2 por ouvintes, ambos de Diego Teixeira de Souza, também autor desta pesquisa.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o fato de que, nas buscas realizadas na *web*, o primeiro trabalho que tem como tema a ‘aquisição fonológica da Libras’ foi escrito em 1999. A partir desta investigação, outros trabalhos começaram a ser escritos com base nesse tema. Com isso, um quesito cronológico foi adicionado à busca: a varredura das obras iniciou no ano de 1999 com a publicação da tese “Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda”, sob a autoria de Lodenir Becker Karnopp.

Vale dizer, ainda, que, no processo de busca pela palavra-chave, esta era destacada em partes do texto e não, como esperado, nos títulos e/ou nas indicações dos termos-chave definidos pelos autores para as abordagens de suas obras. É possível dizer que, pelo fato de esse tema ser tratado de forma breve, não se justificaria uma indicação do termo como palavra-chave. Por outro lado, esse mesmo fato também pode remeter a limitações nas escolhas dos termos-chave para essa busca. Talvez outras seleções com outros termos de busca pudessem ter sido feitas para que fossem obtidas mais produções. Desde já, aponta-se esse dado como sugestão para trabalhos futuros.

A partir dos dados do quadro, percebe-se que, quando o termo de busca é ‘Expressões não-manuais da Libras’, tem-se uma lista de sete produções, enquanto que, nos demais, há menos itens. Neste momento, contudo, não há como justificar, de fato, o porquê desta diferenciação quantitativa. Seria necessário, a fim de explicitar mais esse dado, retomar o processo de busca para, inclusive, verificar se um mesmo trabalho estaria listado na busca por mais de uma das palavras-chave e quais seriam estas. Tal retomada será realizada o mais breve possível para a divulgação futura desta pesquisa.

No tópico seguinte, as obras indicadas no Quadro 4 recebem mais atenção.

4.3 CRONOLOGIA DOS ESTUDOS SELECIONADOS QUE SE REFEREM ÀS ENMs

Como visto no tópico anterior, os estudos acerca das expressões não-manuais são poucos, mais diminutos ainda, se objetivarem a aquisição destas expressões por ouvintes.

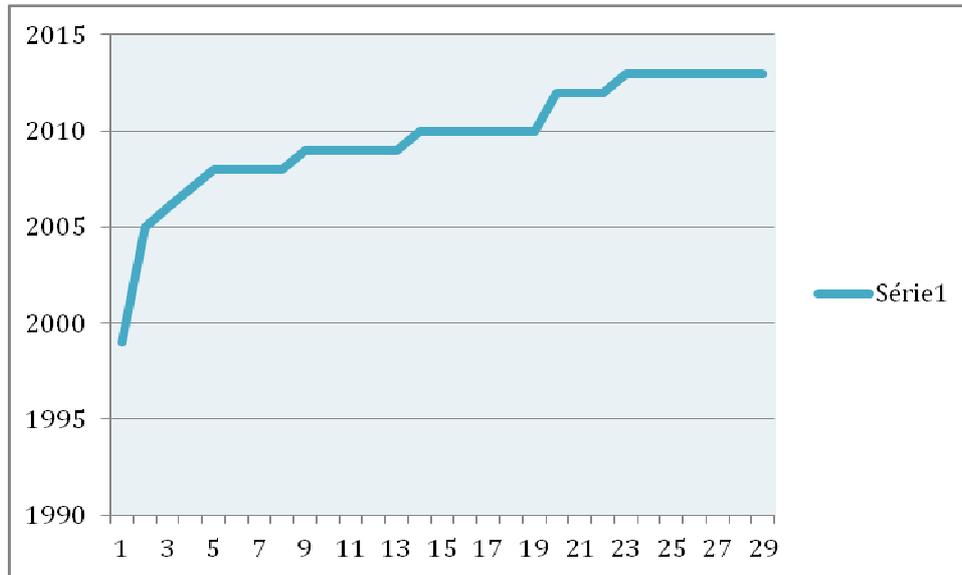
Os estudos sobre as ENMs ou sobre os parâmetros secundários da Libras, como é afirmado por Brito (1995), passam por diversos campos do saber, de acordo com as investigações encontradas, desde ciências da computação à linguística. É possível perceber

que o foco em pesquisas sobre a Libras e, neste caso, com menção às expressões tanto manuais como não-manuais, vem ganhando espaço frente a uma nova realidade: a inclusão de sujeitos surdos nas universidades e no campo laboral. Esta inserção nos diferentes segmentos da sociedade está abrindo caminhos para os estudos linguísticos sobre Libras. No entanto, parte das pesquisas acerca desta língua objetiva abordar o sujeito surdo, em relação ao uso da Libras e da língua portuguesa escrita, e não o aprendiz ouvinte que, por diversas razões, se volte para a Libras. As investigações em destaque, em sua maioria, partem da Libras na perspectiva surda, embora haja dois estudos que abrangem a aquisição da Libras por ouvintes.

Não se coloca aqui uma reação negativa ao foco no surdo, pois, pelo fato de que sua inserção na sociedade se dá entre os ouvintes, e a língua predominante é a língua portuguesa, muito vem sendo discutido e pesquisado, a fim de compreender como o surdo lida com ambos os idiomas e, principalmente, como ele tem acesso a ambas as línguas. Por outro lado, o fato de os surdos estarem cada vez mais presentes na academia e em diversos espaços sociais em que a grande maioria é ouvinte, há necessidade de serem implementadas mais discussões e pesquisas para que a Libras se faça cada vez mais presente na cultura ouvinte, uma vez que, assim como o surdo busca seu acesso à língua portuguesa, o ouvinte também pode (e deve) aprender Libras, visando uma perspectiva interacional mais eficiente entre os sujeitos sociais desses espaços.

Voltando à cronologia das pesquisas aqui selecionadas, por intermédio das buscas realizadas pela rede mundial de computadores, pode-se perceber que estudos sobre a fonologia da Libras iniciaram, de forma tímida, no final da década de 90 e, com o passar dos anos, as pesquisas sobre o tema foram ganhando mais adeptos, conforme indica o Gráfico 1.

Gráfico 1- Avanço frente às investigações das expressões não-manuais



Fonte: Autoria própria (2014).

Como nota-se, o gráfico apresenta uma curvatura ascendente no que se refere ao número de produções realizadas entre o final dos anos 90 e os anos 2000. Diante disso, vale a pena, desde já, pensar sobre possíveis razões para esse aumento nos estudos das marcações não-manuais.

No fim do século passado, o sujeito surdo, bem como seus familiares, procurava a integração junto à sociedade estudantil e laboral; a inclusão nos diversos campos sociais, com destaque para a escola, também foi mencionada pela Declaração de Salamanca, que afirma que:

Políticas educacionais deveriam levar em total consideração as diferenças e situações individuais. A importância da língua de sinais como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso à educação em sua língua nacional de sinais. Devido às necessidades particulares de comunicação dos surdos e das pessoas surdas/cegas, a educação deles pode ser mais adequadamente provida em escolas especiais ou classes especiais e unidades em escolas regulares. (Declaração de Salamanca, 1994. Item 19 da parte A).

Esse documento foi concebido por representantes de instituições de vários países que estavam cientes das reivindicações das comunidades surdas espalhadas pelo mundo. Por intermédio dessa declaração, os sujeitos surdos começaram a ser ouvidos, e sua inserção na sociedade foi se tornando mais visível. De maneira singela, nessa época, o surdo iniciou seu ingresso na academia e no campo laboral, convivendo com sujeitos ouvintes.

Esta convivência fez com que o interesse sobre a língua de sinais crescesse, pois, por interesses diversos, percebeu-se o quão rica ela é. A comunicação com o surdo começou a

ganhar um novo capítulo: o ouvinte, a partir de agora, companheiro do usuário da língua de sinais, juntou-se com o surdo e ambos começaram a (re)escrevê-lo; os dois complementando os estudos existentes e inovando as investigações no campo das línguas de sinais

Com isso, comparações começaram a ser feitas entre a língua oral e a não-oral; estudos linguísticos com foco na Libras ganharam mais adeptos e força frente a essa nova realidade social. Talvez o aumento, ainda que singelo, das pesquisas (cf. Gráfico 1) deva-se à parceria que vem ocorrendo entre surdos e ouvintes; porém, ressalta-se que existe um grande caminho a ser percorrido nos estudos linguísticos da língua brasileira de sinais.

Voltando ao Gráfico 1, de acordo com o levantamento feito, um aumento significativo de pesquisas sobre as expressões não-manuais ocorreu no ano de 2008, quando foram publicados quatro trabalhos; mas o ápice do gráfico fixa-se no ano de 2013, com a publicação de sete pesquisas, onde grande parte delas são dissertações de mestrado; não se sabe ao certo o porquê não foram encontradas produções no ano de 2011, porém esta provável falta de publicações foi suprida em anos posteriores; onde em 2012 encontrou-se três trabalhos, sendo este ano superado pelas produções datadas no ano de 2013.

Ainda que pequeno, não se pode negar que vem ocorrendo um acréscimo nos estudos acerca das expressões não-manuais.

Na próxima seção, apresentar-se-ão reflexões sobre as indicações dadas pelos autores no que tange às marcações não-manuais, bem como o ponto de vista levantado por cada um.

5 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS OBRAS SELECIONADAS: ABORDAGENS E PERSPECTIVAS

Como indica o título, trazem-se, de fato, os estudos encontrados que fazem referência às expressões não-manuais, bem como um breve resumo dessas investigações e, finalmente, uma análise das abordagens trazidas pelos autores quanto aos parâmetros secundários da Libras.

5.1 OS DADOS

Como visto nas seções anteriores, pesquisas atuais sobre a Libras vêm ganhando espaço frente a uma nova realidade vivenciada pela sociedade. Com isso, os estudos aqui apresentados também trazem considerações sobre as expressões não-manuais, porém, até onde é possível verificar, direcionadas às marcações não-manuais. Tal referência parece estar diretamente vinculada ao fato de os estudiosos remeterem-se a essas marcações quando investigam a sintaxe da língua .

As investigações, aqui apresentadas, afirmam categoricamente que as expressões não-manuais sintáticas são de fundamental importância para o real entendimento do enunciado. Entretanto, sua abordagem parece generalizada ou insuficiente frente à indicação de tal importância. Acredita-se que isso ocorra devido aos poucos estudos existentes até então, embora tenha se verificado uma evolução quantitativa nas pesquisas. Os pesquisadores que investigam essa particularidade da Libras, muitas vezes, precisam realizar estudos contrastivos da *American Sign Language* (ASL) à Língua Brasileira de Sinais, mas sabemos que cada língua possui sua particularidade e que nem todos os aspectos existentes em uma dada língua se apresentará em outra.

Com o objetivo de introduzir as considerações das obras, o Quadro 5 traz detalhes de autoria, ano de publicação em ordem cronológica ascendente e um breve resumo elaborado a partir das próprias considerações dos autores, quando disponível. As discussões serão apresentadas na sequência.

Quadro 6- Síntese das obras selecionadas com foco nas ENMs da Libras

AUTOR	ANO	BREVE RESUMO
KARNOPP, Lodenir Becker	1999	A tese aborda a produção dos primeiros sinais na Libras e tem como foco a aquisição fonológica de CM, L e M por uma criança surda, filha de surdos, no período de 8 aos 30 meses de idade. Com base no levantamento de dados da frequência e da precisão na produção das unidades formacionais do sinal, a autora estabeleceu as etapas do desenvolvimento fonológico da informante. A partir do estabelecimento de etapas foram descritas as características de cada um dos parâmetros fonológicos.
ARROTEIA, Jéssica	2005	Esta dissertação teve como meta a descrição dos elementos que marcam ou contribuem de alguma forma para o real entendimento das sentenças em Libras. Chamou a atenção o fato de haver marcas negativas nos dois componentes da língua, manual (NÃO e NADA) e não-manual. A análise mais detalhada de negação evidenciou seu desmembramento em <i>headshake</i> e negação facial. O estudo traz a hipótese de que a negação facial é o principal marcador de negação, isto é, um marcador sintático, enquanto <i>headshake</i> tem características de afetividade.

XAVIER, André Nogueira	2006	Esta investigação de mestrado teve como objetivo dar um primeiro passo em direção a uma descrição das unidades do nível fonético-fonológico da Libras. Para isso, o modelo de análise sublexical proposto por Liddell (1984) e desenvolvido por Liddell & Johnson (2000 [1989]) foi utilizado como base. Segundo esse modelo, os sinais das línguas sinalizadas, semelhantemente às palavras das línguas faladas, são constituídos por segmentos.
BAPTISTA, Fabrício	2007	Este estudo dissertativo, pertencente à área da Ciência da Computação, trouxe como objetivo a criação do programa F-LIBRAS, um Ambiente Virtual voltado para o domínio da Libras. Segundo o autor do estudo, o programa deverá suprir a dificuldade de comunicação entre pessoas, surdas e ouvintes. Em termos de usuários, incluem-se familiares, professores, alunos e monitores. Este ambiente deve proporcionar suporte para a integração de pessoas, sistemas computacionais e conteúdos, podendo ser utilizado tanto para aprendizagem como para treinamento e comunicação. As principais funções deste software são: a gravação, editoração e visualização de gestos e movimentos da Língua de Sinais, além da possibilidade de comunicação. Os gestos utilizados na Libras são tridimensionais, dessa forma as técnicas de Realidade Virtual são apropriadas para a representação dos movimentos que compõe a língua de sinais, sejam eles manuais ou não.

JUNIOR, Reinaldo Clemente	2008	Este estudo monográfico, pertencente à área de Ciência da Computação, visou facilitar o aprendizado da Língua de Sinais aos portadores de deficiência auditiva, apresentando um programa desenvolvido para a interpretação automática da Língua Portuguesa para Libras, possibilitando ainda que seus ouvintes façam uma relação entre as duas línguas, quanto tradução e interpretação, através da exploração dos recursos oferecidos por esta ferramenta apresentada, Tree-Libras - Especificação da Tradução da Língua Portuguesa para Libras - Língua Brasileira de Sinais, na sua estrutura gramatical entre si.
SOUZA, Diego Teixeira de	2008	Este trabalho monográfico teve como objetivo a verificação de algumas das principais dificuldades que falantes de língua portuguesa apresentam na execução da marcação não-manual da Língua Brasileira de Sinais e avaliou se, a partir de uma execução inadequada, poderia haver alguma interferência na estrutura da frase e, consecutivamente, uma mudança de significado de palavras.
TEMÓTEO, Janice Gonçalves	2008	Esta dissertação apresenta um estudo lexicológico sobre as variações da Libras e traz um levantamento dos vocábulos que refletem a diversidade linguístico-cultural da Língua de Sinais do Ceará, especificamente, a usada por Surdos do Sítio Caiçara, de forma a organizar e sistematizar as variações encontradas através de um glossário.
LEITE, Tarcísio de Arantes	2008	A tese consiste em uma pesquisa de caráter linguístico-descritivo, cujo objetivo era oferecer critérios para a segmentação do discurso na língua de sinais brasileira (libras)

		em unidades gramaticais.
SOUZA, Diego Teixeira de	2009	No campo da aquisição da linguagem, este artigo objetivou verificar quais são as expressões faciais sintáticas que aprendizes ouvintes apresentam maior dificuldade no processo de aquisição da Libras como L2.
SILVA, Giselli Mara da	2009	O artigo objetivou a apresentação dos parâmetros manuais e não-manuais da Libras.
SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos	2009	A dissertação propõe uma discussão acerca da aprendizagem da escrita pelos surdos através da análise morfossintática de produções escritas de estudantes oriundos de uma escola pública de Salvador.
QUADROS, Ronice Muller	2009	Este manual de estudos, pertencente à disciplina Libras I de uma universidade federal, traz os pressupostos básicos sobre a sintaxe, a fonologia e a morfologia da língua de sinais.
RIBEIRO, Emílio Soares	2009	Este artigo apresenta uma proposta de estudo intersemiótica da Libras; para isto, discute sobre os aspectos linguísticos e semióticos da língua de sinais, bem como os aspectos fonológicos e morfológicos.
DINIZ, Heloise Gripp	2010	Esta pesquisa de mestrado tem como objetivo o resgate histórico da evolução da Libras, buscando o entendimento de um dos fenômenos linguísticos, a mudança presente no uso desta língua de sinais.

BENTO, Nanci Araújo	2010	Este estudo dissertativo aborda aspectos aquisicionais da Língua Brasileira de Sinais de uma criança surda, filha de pais surdos, adquirindo a língua de sinais como língua materna. Por tratar-se de um estudo de caso, este foi realizado através da observação longitudinal do processo de aquisição da Libras por uma criança surda, exposta a um ambiente bilíngue (Língua Portuguesa/Língua Brasileira de Sinais) no período que vai de um ano e meio a dois anos e meio de idade.
Universidade Federal de Santa Catarina	2010	Este manual online, pertencente ao curso de Letras Libras/ead, apresenta, por meio de textos e vídeos, as expressões faciais sintáticas da Língua Brasileira de Sinais.
SILVA, Lidia da	2010	Este livro, escrito por alunos concluintes do curso de Pedagogia de uma instituição privada, apresenta os pressupostos básicos da Libras no que tange à estrutura gramatical.
ROSA, Andreia da Silva	2010	Esta obra trata da invisibilidade do intérprete de Libras, frente à visibilidade da tradução da língua de sinais; no capítulo teórico sobre a Libras são apresentados os aspectos gramaticais da língua de sinais.
XAVIER, André Nogueira	2010	O objetivo central deste artigo é tratar de casos de variação na sinalização de sinais da libras com relação ao número de articuladores manuais empregados em sua produção.

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo	2012	Esta apostila de estudos disponibilizada pela prefeitura de São Paulo apresenta, de forma sucinta, o status da língua de sinais e, também, os aspectos gramaticais da Libras.
RODRIGUES, Cristiane Seimetz	2012	Este livro traz a apresentação dos níveis sintático, morfológico e fonológico da Libras.
SANTOS, Robervaldo Correia dos	2012	Este artigo apresenta a estrutura fonológica da Libras e da Língua Portuguesa, propondo uma independência na estrutura linguística destas duas línguas.
ARAUJO, Adriana Dias Sambranel de	2013	Este estudo dissertativo objetiva investigar o que está para além das mãos, isto é, o que se encontra nas expressões e nas marcas não-manuais, que saltam aos olhos e cooperam com a manifestação daquilo que os surdos desejam expressar em sua língua.
PÊGO, Carolina Ferreira	2013	Esta dissertação visa contribuir para uma ampliação da visão da morfologia da Libras, cujas pesquisas têm focado nas expressões manuais, enquanto as expressões não-manuais, aspecto morfolexical extremamente relevante, têm sido abordadas muito superficialmente nos estudos atuais.
LEITE, Tarcísio de Arantes	2013	Este artigo objetiva apresentar um critério menos intuitivo para a identificação de unidades gramaticais na Libras, fazendo uma análise de diferentes ocorrências da prática de listagem na Libras, com destaque para alguns recursos formais que podem servir como um ponto de referência inicial à identificação de unidades gramaticais nessa língua.
SILVA, Diná Souza da	2013	Esta investigação de mestrado se propõe a investigar a prática dos intérpretes educacionais junto a alunos surdos, em uma instituição

		de ensino superior, a partir das práticas inclusivas vivenciadas, focalizando e avaliando aspectos dessa experiência.
Universidade Camilo Castelo Branco – UNICASTELO	2013	Esta apostila referente à disciplina de Libras pertencente aos cursos de licenciatura plena apresenta os parâmetros fonológicos da Libras.
FELIPE, Tanya A.	2013	Este artigo objetiva a ampliação das discussões sobre enunciados verbo-visuais, refletindo sobre pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin que podem reforçar a argumentação de que, em enunciados de línguas de modalidade gestual visual, transparecem valores plástico-picturais e espaciais dos signos através também das Marcas não Manuais (MNMs).
ALMEIDA, Magno Pinheiro de	2013	Este artigo objetiva a apresentação dos aspectos sintáticos da Libras, passando pelos tipos de frases existentes língua de sinais.

Fonte: Autoria própria (2014).

O Quadro 5, então, traz informações, embora resumidas, das pesquisas (monografia, dissertações, teses, artigos) que abordam, de alguma maneira, as marcações não-manuais da Libras.

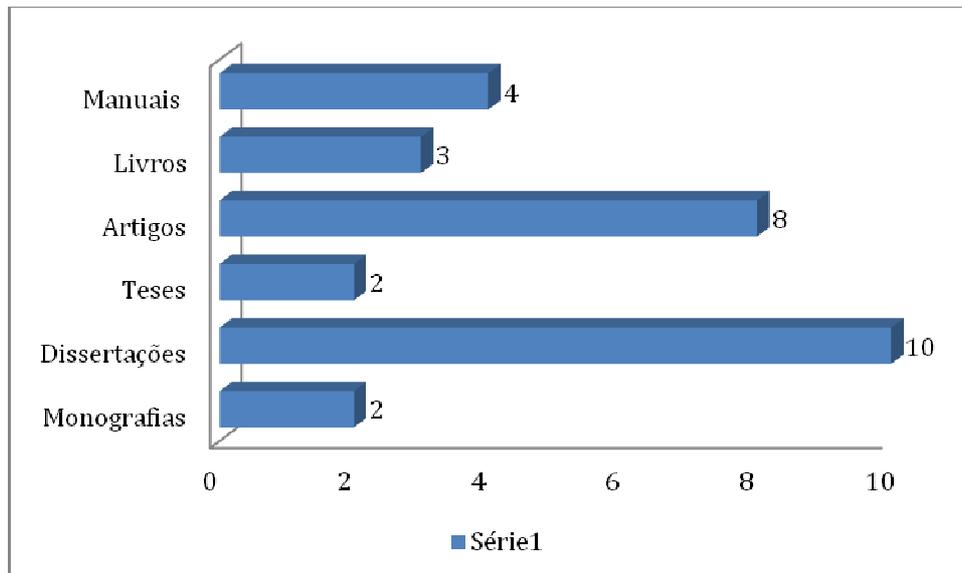
Na continuidade da seção, trazem-se as considerações sobre as obras pesquisadas no que tange às marcações não-manuais, com a intenção de estabelecer um diálogo entre as abordagens apresentadas e, na medida do possível, a perspectiva teórica utilizada, porém uma breve apresentação dos tipos de trabalhos pesquisados faz-se necessária.

5.2 TIPOS DE TRABALHOS

Como já mencionado na seção 3.2.1, as pesquisas aqui apresentadas estão disponíveis na rede mundial de computadores, e uma das preocupações era a reunião de trabalhos renomados e inéditos no campo da Libras.

Com isso, conseguiu-se ter acesso a vinte e nove trabalhos, que se diferenciam por gêneros, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 2- Distribuição das obras encontradas quanto ao gênero textual



Fonte: Autoria própria (2014).

Conforme ilustra o gráfico, verifica-se que dissertações de mestrado, juntamente com artigos publicados, detêm o maior número de trabalhos disponíveis na rede. Seria interessante uma avaliação mais profunda para razões quanto a esse dado, mas, de qualquer forma, percebe-se a força da produção acadêmica inerente da pós-graduação, ou seja, há interesse na pesquisa por diversas razões, como já foi comentado.

Estão também presentes nesta lista quatro manuais de Libras e três livros. Sabe-se que o número de cursos de Letras - Libras, tanto presenciais quanto a distância, está em uma crescente. Tanto surdos como ouvintes estão procurando este tipo de graduação, a fim de tornarem-se, não só intérpretes de Libras, mas também professores. Com isso, as universidades estão produzindo materiais que deverão ser utilizados em suas aulas; ademais, sabemos que algumas secretarias de educação estão disponibilizando para seus servidores cursos de Libras como L2. É preciso indicar também que os manuais e os livros são produtos de pesquisas. Em outro momento, seria interessante averiguar a produção por pesquisador, ou seja, quais, quantas produções e sobre qual foco os seus trabalhos vêm sendo produzidos. Esse delineamento oferecerá um perfil de cada pesquisador quanto ao direcionamento de seus estudos, auxiliando novos pesquisadores em busca de material de pesquisa.

A partir de agora, tem-se a intenção de estabelecer comparações entre as afirmações trazidas pelos autores das obras pesquisadas, atrelando-as à fundamentação teórica que norteou este estudo investigativo no que tange às expressões não-manuais.

5.3 DIALOGANDO COM OS ESTUDOS SELECIONADOS: AS VISÕES SOBRE AS ENMs

As expressões não-manuais (quando com funções sintáticas, denominadas marcações não-manuais) são responsáveis por algumas funções linguísticas da Libras, como marcações de construções sintáticas e diferenciação entre itens lexicais, como já abordado. No entanto, estudos que possuem como tema de pesquisa as ENMs trazem informações singelas frente a essa especificidade. Tal fato vai o encontro do que Wilbur (2000:223) diz: “[...] as expressões não-manuais são usadas como marcas gramaticais, embora esta seja uma área que precisa consideravelmente de mais pesquisa [...]”.

Wilbur (2000) chama atenção para isso há 14 anos e, embora saibamos que avanços nesta área estão ocorrendo e que novas pesquisas estão surgindo, pelas informações verificadas, as ENMs carecem de estudos mais precisos.

Karnopp (1999), o trabalho referência, que parece ter dado o primeiro passo no estudo do tema, traz as pressuposições básicas das expressões não-manuais, isto é, a autora afirma, como já comentado na seção de revisão teórica, que as ENMs prestam-se a dois papéis na língua de sinais: (i) marcação de construções sintáticas e (ii) marcação de sinais específicos; ademais, a pesquisa diz que as ENMs que possuem função sintática (definidas como marcações não-manuais –MNM-) marcam sentenças interrogativas, orações relativas e topicalizações. Este estudo, como dito em seções anteriores, foi um dos precursores ao trazer uma pequena seção direcionada às ENMs; no entanto, o desenvolvimento desse tema é feito de forma muito breve, provavelmente por não ser o foco do estudo naquele momento.

Corroborando com Karnopp (1999), Brito (2010) afirma, também, que as ENMs são de suma importância na diferenciação nas línguas de sinais, como as marcações sintáticas e acrescenta a diferenciação entre itens lexicais. Quanto a este último item, Souza (2008), ao investigar quais eram as dificuldades apontadas por ouvintes na aquisição da Libras como L2, em seu estudo monográfico, afirma contundentemente que ouvintes aprendizes de Libras apresentam dificuldades quanto às expressões faciais, geralmente em sentenças interrogativas associadas a outros tipos frasais, como sentenças exclamativas e negativas. Outra informação trazida pelo autor diz respeito à diferenciação entre itens lexicais em relação ao uso ou à falta

de uma expressão facial no enunciado que poderá gerar uma mudança de sentido do enunciado. Souza (2009) também faz alusão à pesquisa realizada por Karnopp (1999). Embora a pesquisa de Souza tenha como tema principal a aquisição da fonologia da Libras por ouvintes, o capítulo que aborda as ENMs também é sucinto: o autor, como Karnopp (1999), traz as pressuposições básicas de tais expressões.

Arroteia (2005), em sua dissertação, ao investigar o papel da marcação não-manual nas sentenças negativas, traz um estudo exaustivo quanto às expressões faciais sintáticas que marcam a negação. Concordando com a autora, no capítulo 2 desta dissertação, podemos ver que a forma negativa poderá ser representada de três maneiras com o objetivo de: (i) acrescentar o sinal NÃO à frase afirmativa; (ii) incorporar um movimento contrário ou desigual ao sinal negado; e (iii) realizar a negação com um aceno de cabeça. Embora haja ciência quanto ao fato de que os marcadores não-manuais de negação encontram-se inseridos nas ENMs, não é apresentada uma definição clara sobre tais expressões.

Diferentemente de Arroteia (2005), Xavier (2006), em sua tentativa de descrição das unidades do nível fonético-fonológico da Libras, traz uma seção para as ENMs. Contudo, as considerações trazidas pelo autor não acrescentaram novas informações ao que foi dito por Karnopp (1999). Da mesma forma como fora no texto desta autora, afirmações quanto ao papel das ENMs são relatados, e um quadro com tais expressões é apresentado.

Sabe-se que, para a criação de um *software* que faça a interface entre os usuários ouvinte e surdo, quando o foco é a Língua Brasileira de Sinais, não só questões computacionais devem ser estudadas, mas a sintaxe, a morfologia, a fonologia da língua também precisam ser alvos de estudo. Andando por este caminho, Baptista (2007) propôs a criação de um programa chamado de F-LIBRAS, e este, por sua vez, deveria ser capaz de suprir as dificuldades comunicacionais entre pessoas surdas e ouvintes. Em sua pesquisa, Baptista (2006) faz uma breve reflexão acerca da língua de sinais e disponibiliza, em seu texto, uma linha para falar sobre as marcações não-manuais, focando nas expressões faciais: diz que Ferreira Brito (1995) estudou aspectos importantes para a representação computacional dos sinais, referentes à constituição da Libras. Segundo esse autor, Ferreira Brito apresentou os parâmetros primários e secundários da Libras⁸, citados por Baptista (2006). Somente esta informação é passada acerca das ENMs, definições mais completas e exemplos não são dados na pesquisa.

⁸ Para maiores detalhes, ver seção 2.3 “A fonologia nas línguas de sinais e na Libras”.

Seguindo outro viés, Junior (2008), em seu estudo sobre a criação de uma ferramenta denominada Tree-Libras, que visa facilitar o aprendizado da Libras por surdos, apresentando uma interpretação automática da Língua Portuguesa para a Libras, dedica uma seção para as ENMs, dada, segundo o autor, sua alta importância no sistema linguístico da Libras. Junior (2008) também afirma que a expressão facial é um dos meios de comunicação mais importantes nas relações interpessoais e possuem papéis diferentes na comunicação. Com essa afirmação, o autor inicia a diferenciação entre expressões faciais afetivas e expressões faciais que desempenham papéis sintáticos (conforme visto na unidade 3.1): as expressões faciais gramaticais são determinadas linguisticamente, pois elas iniciam um pouco antes de se começar o sinal manual, alcançando o cume da intensidade durante a execução do sinal e terminam antes que aconteça o próximo sinal; em contrapartida, as expressões faciais afetivas ou emocionais podem ser utilizadas independente da linguagem. Embora as informações trazidas pelo autor sejam altamente relevantes, uma abordagem mais ampla sobre as ENMs também não foi realizada.

Em seu estudo lexicológico, Temóteo (2008:47) diz que “[...] muitas vezes a compreensão por parte dos surdos fica prejudicada, pois nem sempre os ouvintes têm facilidade em associar o sinal à expressão facial; os sinais não podem ser dissociados da expressão facial”. Com essa afirmação, a autora começa a discorrer sobre a importância que as ENMs possuem na Libras, focando no entendimento real do significado. Indo ao encontro da referida autora, este estudo dissertativo, no capítulo de fonologia, explicita que Brito (1995), fundada na descrição feita dos parâmetros da ASL, adiciona- a descrição da Libras componentes não-manuais, dentro deles as expressões faciais, como parâmetros secundários, dada a sua capacidade de diferenciar significados. A fim de corroborar com as informações, Temóteo (2008) traz uma série de exemplos de expressões faciais que marcam sentenças interrogativas. No que tange à teorização, a autora, também, sem acrescentar maiores detalhes, diz que as ENMs prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais, como já mencionados nesta seção.

Leite (2008), em sua tese, traz uma clara explicação sobre o papel que as expressões faciais desempenham no enunciado; porém uma nova informação é adicionada: ao citar Wilbur (2000), diz que o autor propõe que as regiões superior e inferior do rosto estão relacionadas a diferentes domínios sintáticos - sinais da parte superior do rosto ou a cabeça ocorreriam com constituintes maiores, tais como orações e sentenças. Como elucidação das afirmações feitas por Leite (2008), chama-se a atenção para o item 2.3.6 desta dissertação, onde é explicitado que a parte superior da face e a cabeça evidenciam expressões faciais para

sentenças interrogativas, pois uma sentença estabelecida com a cabeça e ombros inclinados para frente e com as sobrelanceiras levantadas é interpretada como uma interrogativa que terá como resposta um ‘sim’ ou um ‘não’. Expressões que envolvem a parte inferior do rosto associam-se a itens lexicais ou com sintagmas em que tais itens aparecem, em especial para a veiculação de informações adjetivas ou adverbiais (LEITE, 2008:28).

Até o presente momento, mesmo sem ter visto todos os estudos, nota-se que, com exceção de Leite (2008), as informações acerca das ENMs são circulares, isto é, pouco se trouxe de inovação e/ou abordagem dada a especificidade do tema. Ao analisar os trabalhos, percebeu-se, até agora, que grande parte das afirmações feitas por Karnopp (1999) se mantiveram quase que em totalidade nas investigações posteriores a dela. Mas claro que esta não é uma constatação final, pois as comparações entre as obras continuam.

Dando sequência, tem-se Silva (2009) que, em seu artigo, traz os parâmetros fonológicos da Libras, como CM, M, PA, Or⁹. A autora também aborda, de forma breve, as ENMs; segundo ela, entendem-se por expressões não-manuais as expressões faciais e corporais. No entanto, uma abordagem minuciosa frente às ENMs e uma diferenciação entre ENMs e MNM não foram dadas, bem como exemplos que as diferenciem.

Em contrapartida, Souza (2009) traz uma teorização das ENMs, focando nos tipos de frases existentes na língua de sinais. Isto é, como visto na seção 2.4.1, intitulada Tipos frasais na Libras, as ENMs são utilizadas, também, no estabelecimento dos vários tipos de sentenças existentes na Libras, como: (i) forma afirmativa, (ii) forma interrogativa, (iii) forma exclamativa, (iv) forma negativa, (v) forma negativa/interrogativa e (vi) forma exclamativa/interrogativa. Souza (2009) também cita as expressões faciais referentes a cada forma frasal, trazendo exemplos da Libras. No que tange à definição de ENMs, entretanto, o autor permanece fiel à definição dada por Karnopp (1999).

Também com base na definição de Karnopp (1999), Santos (2009), ao estudar as marcas da Libras e indícios de uma interlíngua na escrita de sujeitos surdos, traz os conceitos básicos acerca do plano fonológico da Libras. A autora detalha os parâmetros fonológicos da língua de sinais e afirma que as ENMs possuem os dois papéis nas línguas de sinais já explicitados nesta seção e em seções anteriores. Um estudo mais exaustivo e/ou um maior detalhamento das ENMs não foi realizado.

⁹ Detalhes sobre estes parâmetros primários estão na seção 2.3, intitulada “A fonologia nas línguas de sinais e na Libras”.

Com foco na formação de novos professores de Libras, Quadros (2009), em parceria com uma universidade federal, disponibiliza para os alunos ingressantes no curso Letras–Libras, na modalidade EaD, um manual, intitulado “Língua Brasileira de Sinais I”. Nesse material, a autora aborda de forma leve e lúdica questões como o status da Libras como língua natural, as propriedades da língua de sinais e a fonologia da Libras. Já, no que tange às ENMs, Quadros (2009) oferece uma seção para tratar sobre as peculiaridades deste parâmetro fonológico: como mencionado no item 3, as expressões faciais, também abordadas por Quadros (2009:07), diz que são comparadas às expressões faciais da ASL, “quando se diz que o comportamento linguístico das expressões faciais constitui um conjunto limitado de comportamentos categóricos ou discretos no qual os componentes, escopo e forma são regras governadas e impostas pelos requisitos do sistema linguístico”. Com isso, entende-se que, como já dito por Karnopp (1999), as ENMs da Libras possuem grande importância nas marcações sintáticas da Língua Brasileira de Sinais, e, como afirmado por Quadros (2009), essas são regras impostas pelo próprio sistema da língua.

Diferentemente de Quadros (2009), Ribeiro (2009) traz um estudo sobre a constituição sígnica da Libras. Segundo essa autora, a fonologia na língua de sinais busca identificar a estrutura e organização de seus constituintes fonológicos. Ribeiro (2009:02) também afirma que “na Libras, as unidades mínimas são estudadas como parâmetros variáveis que definem valor dentro do sistema linguístico”; isto quer dizer que a partir da combinação do(a) M, PA, CM, Or os morfemas na Libras são formados. Ribeiro (2009) adiciona à combinação as expressões faciais, porém sua abordagem dentro do estudo é perene, e sua teorização é ausente.

Partindo do pressuposto que as ENMs integram os parâmetros secundários da Libras, Diniz (2010) elucida que nem todas as informações ou os sinais são transmitidos somente pelos parâmetros primários, isto é, as mãos. A autora também relata que as expressões faciais, as posturas corpóreas e outras ENMs fazem parte dos parâmetros secundários por meio dos quais são expressas as informações gramaticais. Corroborando com as afirmações feitas ao longo deste trabalho, Diniz (2010:30) adota uma postura bastante categórica quanto às ENMs, quando diz que “o sistema de sinais não-manuais apresenta um alto grau de complexidade, pois é transmitido de forma bastante ampla e abstrata na produção/recepção dos sinais no espaço da sinalização”. No entanto, pelo estudo não estar focado nas ENMs, um maior detalhamento destas marcações não é apresentado, como afirma a própria autora.

Com um olhar para os aspectos aquisicionais da Libras por uma criança surda, Bento (2010) traz uma visão mais detalhada sobre o sistema fonológico da Libras como um todo. A

autora, ao mencionar as ENMs, apresenta uma série de figuras que demonstram os graus de intensidade revelados pelas expressões faciais, porém informações redundantes como a de que (i) as expressões faciais são de fundamental importância para o entendimento real do significado e a de que, no nível da sintaxe, (ii) as ENMs são responsáveis por determinados tipos de construções são uma constante no trabalho. Com isso, voltam-se às afirmações feitas desde Karnopp (1999) até o presente momento, sem um maior detalhamento da complexidade das ENMs.

Acredita-se que um ponto importante abordado quanto às ENMs é a falta de estudos detalhados acerca do tema. Essa forte afirmação está disponível no Manual produzido pela Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2010. A fim de esclarecimentos, o manual, voltado à formação de novos professores de Libras, recebeu o nome de Libras II. Neste material *online*, o tema explicitado refere-se às expressões faciais gramaticais, ditas como marcações não-manuais. De forma bastante interativa e lúdica, a autora apresenta as expressões faciais responsáveis pelos tipos frasais na Libras¹⁰; no entanto, quanto à sistematização das ENMs, UFSC (2010:01) diz que “ainda não há estudos exaustivos sobre as marcações não-manuais na Libras”, com isso percebe-se que um maior detalhamento sobre parâmetros secundários torna-se mais raro frente aos estudos linguísticos.

Seguindo nesta mesma projeção, Silva (2010) apresenta um detalhamento dos parâmetros fonológicos primários da Libras, já explicitados exaustivamente nesta pesquisa. Quando, por sua vez, a autora traz os parâmetros secundários – ENMs –, além das ilustrações, a informação dita quanto ao seu detalhamento é a mesma que circula desde os primeiros estudos fonológicos da Libras, como apresentado em Karnopp (1999).

Seguindo o mesmo caminho de alguns autores comentados aqui, Rosa (2010) traz um detalhamento dos parâmetros primários da Libras. Quanto às ENMs, a autora detém-se nas informações já recorrentes nesta discussão quanto à importância das expressões faciais e o papel desempenhado por elas na sintaxe da Libras.

Xavier (2010), ao tratar sobre a variação fonológica na Libras, apresenta uma série de exemplos dos parâmetros primários, mencionando, algumas vezes, estudos contrastivos da ASL. Mas, no que tange às ENMs da Libras, com foco nas expressões faciais, o autor adota a postura que permeia grande parte dos trabalhos: um menor detalhamento dos parâmetros secundários.

¹⁰ Para um maior detalhamento destas expressões, ver tópico 2.4.1 “Tipos frasais na Libras”.

A ênfase dada aos parâmetros primários da Libras é abandonada por Rodrigues (2012), que faz uma breve reflexão sobre os aspectos linguísticos da Libras. Esta metodologia, também, é direcionada às ENMs, ao ser mencionado o fato de elas restringirem-se à apresentação das funções das marcações não-manuais.

Outro manual disponível na *web* é de autoria da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (2012). Como mencionado no capítulo de Metodologia, este material é voltado aos servidores estaduais em curso de formação. Por ser direcionado a leigos, o manual traz informações básicas sobre a Libras e apresenta algumas considerações, embora breves, sobre o sistema linguístico da língua de sinais. No entanto, quanto às ENMs, o manual somente afirma que as expressões faciais e corporais traduzem os sentimentos e intensificam a marcação manual realizada. Com isso, vê-se que não houve maior aprofundamento quanto às ENMs, e suas funções e características não foram sequer mencionadas pela autora.

Diferente da postura abordada no manual de 2012, Santos (2012) apresenta um maior detalhamento – embora dos parâmetros primários – da estrutura fonológica da Libras. Em seu estudo comparativo (Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais), o autor, contudo, não aborda as ENMs da Libras em seu estudo fonológico.

Vindo em contrapartida com os estudos mencionados, até então, Araújo (2013) realiza uma investigação detalhada, embora contrastiva, acerca das ENMs e as marcas não-manuais na Libras. Segundo a autora, a utilização dos componentes não-manuais podem diferenciar significados (como já dito em seções anteriores) e sentenças em nível fonológico, morfológico e sintático. Para tais detalhamentos, Araújo (2013) teve de recorrer a alguns estudos realizados na ASL, e, em contrapartida, considerá-los quanto à realidade da Libras. Ressalta-se que os parâmetros primários – ricos em pesquisas - não foram abordados pela autora.

Por meio de outro prisma, Pêgo (2013) trabalhou com os sinais não-manuais gramaticais da Libras nos traços morfológicos e lexicais.

No trabalho proposto por Pêgo (2013), há um grande detalhamento das funções das ENMs referentes aos traços morfológicos, lexicais e sintáticos. Entretanto, esta abordagem mais minuciosa é baseada nos estudos da ASL. Outro ponto importante a ser salientado foi a tentativa da autora em encontrar trabalhos que envolvam análises morfológicas das expressões faciais na Libras. De acordo com Pêgo (2013), um maior detalhamento não foi possível, pois nenhum trabalho que descrevesse as funções morfológicas das ENMs foi encontrado.

Talvez a falta de estudos exaustivos, os poucos estudos existentes sobre as ENMs ou, simplesmente, o foco dado fizessem com que Leite (2013), em seu trabalho sobre a identificação de unidades gramaticais na libras, não abordasse de forma sistemática as ENMs.

O autor chega a mencionar o sistema que usou para transcrever os dados de sua pesquisa e apresenta um campo denominado “Articuladores não-manuais transcritos acima da linha das glosas”, porém um detalhamento sobre as funções que as marcações não-manuais possuem dentro da pesquisa não foram explicitadas.

Também sem um grande aprofundamento das ENMs, Silva (2013) traz um estudo sobre a atuação do intérprete de Libras no ensino superior. Em seu trabalho, a autora faz alusão à necessidade que o intérprete tem em dominar os parâmetros primários e secundários. Frente a essa afirmação, o estudo apresenta um aprofundamento dos parâmetros fonológicos da Libras, já explicitados no capítulo de fonologia, trazendo figuras que elucidam as afirmações. No entanto, quando o tópico a ser visto refere-se aos parâmetros secundários, as informações apresentadas ao longo deste capítulo estão, em parte, presentes. Figuras também são utilizadas, mas não há um maior detalhamento quanto às expressões faciais presentes nas ilustrações e quais seriam as suas funções no enunciado sinalizado.

Seguindo a trajetória dos manuais aqui apresentados, a Universidade Camilo Castelo Branco, em 2013, disponibilizou para seus alunos uma apostila que tem como tema ‘os parâmetros da Libras’. Como o próprio nome diz, foram apresentados, ao longo de vinte e cinco páginas, os principais pontos dos parâmetros da Libras, porém somente os primários. Apenas uma página foi disponibilizada para as ENMs (parâmetros secundários). Como visto ao longo desta dissertação, as ENMs são importantes tanto na organização fonológica dos sinais quanto na sintaxe da Libras. Tal pressuposto também foi assumido pela autora. Uma abordagem mais detalhada, contudo, não foi dada. As informações apenas estão evidenciadas nos dois papéis que as ENMs desempenham dentro da Libras.

Felipe (2013) demonstra uma abordagem mais completa em relação ao autor anterior, pois, ao estudar o discurso verbo-visual na Libras, propõe uma diferenciação entre expressões afetivas, comunicações paralinguísticas complementares em um enunciado e as marcas verbos-visuais gramaticais, aqui não detalhadas¹¹. Para isso, Felipe (2013) diz que as pesquisas sobre as expressões faciais e outras ENMs iniciaram com Liddell no ano de 1978, que, desde então, vem pesquisando sobre as ENMs em perguntas (Yes/no), topicalizações e tipos de frases na ASL. Em seu trabalho, Felipe traz uma maior explanação frente às marcas fonológicas das ENMs, às marcas morfológicas, às marcas sintáticas e às marcas discursivas.

¹¹ Por não ser o foco desta pesquisa, resolveu-se não detalhar as diferenciações propostas por Felipe (2013). Detalhes desse poderão ser obtidos em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732013000200005&lng=pt&nrm=iso.

Por fim, Almeida (2013) trabalha com alguns tópicos sintáticos da Libras, passando pelo conceito geral de sintaxe das línguas de sinais. Direcionando seu estudo à sintaxe da Libras, o autor se mantém nas marcações não-manuais que determinam tipos frasais na língua de sinais, conforme visto e detalhado na seção 4. Quanto à abordagem teórica dada em seu estudo, Almeida (2013) traz, também, os preceitos inicialmente trabalhados por Karnopp (1999) e por Felipe (2006) em sua trajetória de estudos linguísticos sobre a Libras.

Após retomar as considerações feitas pelos autores pesquisados neste estudo e ao tentar traçar similitudes frente às definições e/ou apresentações dadas por eles, percebe-se que, de modo geral, as acepções acerca das expressões não-manuais são, em grande parte, superficiais e que não há uma diferenciação entre os termos (i) expressões não-manuais e (ii) marcações não-manuais, embora seja assumido que essas duas expressões são diferentes entre si. Como já mencionado neste estudo, usa-se o termo expressões não-manuais para designar todas as expressões faciais e corporais, independente das funções exercidas por elas, e o vocábulo marcações não-manuais é usado para as expressões que apresentam especificadamente funções gramaticais dentro da língua.

Ao estudar mais profundamente as obras aqui citadas, notou-se que esses termos, muitas vezes, são utilizados como sinônimos, independentemente de exercerem funções gramaticais ou não; talvez o uso indiscriminado dessas expressões – sem as delimitações existentes – não corrobore para um detalhamento mais apurado sobre as ENMs, visto que as definições ainda encontram-se confusas.

Em síntese, pelo que foi possível considerar, embora haja menção às expressões não-manuais como aspecto importante na Libras, os estudos considerados nesta pesquisa pouco trazem sobre o fenômeno e, na grande maioria dos casos, retomam as indicações feitas por Karnopp (1999). Outro fato que chama atenção é o de que os estudos em discussão não investiram em pesquisas de campo para investigar o uso das expressões não-manuais por surdos e muito menos por ouvintes. Parece haver uma lacuna de pesquisa que merece ser considerada em estudos futuros.

Pode-se dizer, ao final desta reflexão, que, mesmo sem ter realizado o estudo desejado no início do Mestrado, direcionando esse outro olhar para as ENMs, foi possível desenhar um cenário acerca das informações e dados acessados que, de certa forma, constitui-se em um *corpus* de pesquisa para futuros resultados e/ou inovações frente ao objeto de estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado no capítulo de introdução deste estudo, as línguas de sinais são línguas naturais pertencentes às comunidades surdas e, como se percebeu no decorrer desta investigação, essas línguas ainda carecem de pesquisas em diversos campos. Chama-se a atenção para as poucas investigações existentes no que tange às ENMs.

Antes de passarmos às considerações, ressalta-se que, nesta pesquisa, não houve nenhum interesse em avaliar positivamente ou negativamente as obras aqui citadas, tão pouco questionar a posição teórica adotada pelos autores. O interesse principal desta investigação foi reunir pesquisas que se voltassem aos parâmetros secundários da Libras.

A escolha por obras disponíveis na rede mundial de computadores deveu-se à acessibilidade desse tipo de material possui. De acordo com o senso comum, nada é mais rápido e tão imediato quanto à internet. Através dela, pessoas de todas as partes do mundo poderão ter acesso a estudos, a pesquisas, a inovações nos mais diversos campos do saber.

Retomando as constatações indicadas no texto, pode-se dizer que, de forma generalizada, as investigações aqui explicitadas parecem estar em um “círculo vicioso”, no qual as definições acerca das ENMs trazem poucas informações novas ou apenas reproduzem as já existentes. Talvez este fato deva-se aos poucos estudos existentes no campo das ENMs da Libras, pois muitas pesquisas atuais têm de se valer dos estudos na ASL, conforme explicitou Pêgo (2013).

Como dito no capítulo 2, as ENMs são elementos de suma importância ao lado dos parâmetros primários. Como diz Brito (2010), parâmetros secundários, como as expressões não-manuais, são importantes na organização fonológica dos sinais. No entanto, embora muitos dos estudos aqui vistos concordem com estas afirmações, o que se viu foi um maior detalhamento dos parâmetros primários, e, algumas vezes, a descrição dos parâmetros secundários (ENMs) era pouca ou inexistente frente ao tema.

Provavelmente, esse maior detalhamento dos parâmetros primários se deva ao fato de se ter disponível na ASL uma gama muito grande de estudos sobre este tema. Com isso, estudos contrastivos entre a Libras e a ASL foram realizados a fim de se entenderem os parâmetros fonológicos existentes na língua de sinais.

Outro ponto a ser visto está nos estudos da sintaxe da Libras. As pesquisas aqui analisadas com foco na sintaxe apresentaram dados em que o papel das ENMs parecia unicamente ser a marcação de tipos frasais, embora seus autores afirmassem que, como mencionado no capítulo que trata sobre a fonologia da Libras, as ENMs marcam construções

sintáticas como orações relativas, topicalizações, concordância e foco, mas nenhum desses aspectos chegou a ser desenvolvido.

Ainda, quanto às ENMs, em estudos que possuem como tema ‘a negação da Libras’, percebeu-se um maior detalhamento das expressões faciais de negação. Isso também pode ocorrer devido à literatura existente sobre a marcação não-manual em línguas de sinais favorecer uma análise gramatical desta marcação como um todo (Arrotéia, 2005:61).

Olhando por um prisma mais apurado, percebeu-se que grande parte das investigações tinha o olhar voltado ao surdo e não ao ouvinte; apenas Souza (2008 e 2009) adotou uma perspectiva para o sujeito ouvinte.

Na busca por obras para compor o *corpus* desta dissertação, viu-se que as pesquisas linguísticas no campo da Libras, como um todo, propiciam um olhar por meio do mundo surdo, porém explicitou-se, no capítulo 3, que a socialização do surdo com o ouvinte está fazendo que alguns destes ouvintes procurem cursos livres de Libras, a fim de que a comunicação entre surdo e ouvinte seja eficiente. Essa nova realidade faz com que parte dos ouvintes procure saber um pouco mais sobre a língua a ser aprendida. É claro que nem todos envolvidos estão preocupados com questões sobre o sistema da língua de sinais, porém sabe-se que as informações disponíveis, mesmo que generalizadas, são confusas frente às lacunas ainda existentes no campo dos estudos sobre a Libras.

Essas informações vêm ao encontro de algumas problemas enfrentados na formulação desta dissertação: como o (re)direcionamento da pesquisa. Peço licença para colocar este trecho em primeira pessoa, pois, como ouvinte e pesquisador sobre a Libras, senti-me frustrado frente aos obstáculos encontradas no percurso desta investigação. Destaco como um das dificuldades o baixo número de pesquisas que olhem para o sujeito ouvinte aprendiz de Libras como L2. O pesquisador vê-se, muitas vezes, a estabelecer comparações por meio de estudos que olharam para o surdo e não para o ouvinte, mas sabemos que, embora esta permutação teórica seja possível, cada sujeito – entende-se como sujeito o surdo e o ouvinte – apresenta, em um dado momento, diferentes “caminhos” no processo de aquisição da linguagem que o diferencia. Outro fato a ser mencionado é a impossibilidade de acompanhar o grupo de alunos ouvintes que faziam parte da pesquisa no primeiro momento: pela incompatibilidade de horários e por este grupo não ter se matriculado no nível seguinte. Sabemos que, para o acompanhamento do processo de aquisição de uma língua, faz-se necessário um estudo configurado de modo que possamos observar, com mais clareza, as nuances de uso da língua neste processo de aquisição. Porém, ao nos depararmos com esses desafios (não só eu, mas também a professora orientadora), vimos que nos seria bastante útil

uma espécie de (re)visitação aos estudos existentes sobre a Libras, focando as ENMs, meta desde os primeiros momentos deste estudo.

Quanto às investigações, ao ver detalhadamente as obras aqui apresentadas, outra constatação foi feita: no ano de 2013 houve um aumento significativo de pesquisas com foco nas ENMs, e grande parte delas são dissertações de mestrado.

Esse dado, juntamente com pesquisas anteriores, fez com que fosse pensado o real motivo deste aumento e percebemos muitas pistas e lacunas deixadas pelos primeiros pesquisadores: os estudos primários sobre a Libras deram-se por meio de comparações feitas com estudos da ASL. Como cada língua possui suas peculiaridades, pequenos nichos de pesquisas foram ganhando espaço, juntamente com a ascensão da Libras. Embora, como se pôde perceber nesta investigação, os estudos datados a partir de 1999 possuam afirmações e preceitos circulares, cada autor, com sua pesquisa, na tentativa de explicitar os parâmetros fonológicos da Libras – bem como suas funções - deixou um legado frente aos estudos linguísticos.

Pôde-se perceber, também, que a literatura existente é restrita e, muitas vezes inexistente, como também disse Pêgo (2013), quando não encontrou nenhum material que descrevesse as funções morfológicas das ENMs. Vindo ao encontro desta afirmação, anos antes, Karnopp (1999) fez uma afirmação parecida em sua tese de doutorado, ao dizer que, ao averiguar sobre a aquisição do parâmetro primário Movimento, “estudos detalhados sobre a aquisição do parâmetro movimento não foram realizados nas línguas de sinais até o presente momento” (KARNOPP, 1999:212). Estas afirmações somente comprovam os poucos estudos existentes e o grande nicho de investigação que a Libras oportuniza, com destaque aqui às expressões não-manuais.

Tendo em vista o redirecionamento do trabalho, os temas relacionados não foram amplamente discutidos na análise das obras pesquisadas, mas, pelo fato de serem informações que caracterizam a Libras e que possibilitaram a seleção de critérios para a busca dos estudos em foco, decidimos mantê-los no capítulo 2.

Salienta-se que a presente investigação não é conclusiva. Esta pesquisa teve como um dos objetivos fornecer um levantamento de obras referentes às ENMs para auxiliar estudiosos que tenham este tema como interesse, visando contribuir para futuros estudos linguísticos com as definições encontradas sobre as ENMs e, quem sabe, auxiliar na (re)formulação de conceitos frente aos parâmetros secundários da Libras. Este trabalho forneceu não só as obras, mas também uma discussão sobre elas, salientando o papel que as ENMs desempenham no sistema linguístico da Libras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Magno Pinheiro de. **Tópicos linguísticos: sintaxe na Libras**. In: V SINEFIL, 2013, Campo Grande. / Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Rio de Janeiro: Revista Philologus. p. 01-681, 2013.
- AMARAL M. A.; COUTINHO, A.; MARTINS, M.R.D. **Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1994.
- ANATER, Gisele Iandra Pessini. **As marcações linguísticas não-manuais na aquisição da Língua de sinais brasileira (lsb): um estudo de caso Longitudinal**. Dissertação (Mestrado)-. Centro de comunicação e expressão, UFSC, Florianópolis. 2009.
- ARAÚJO, Adriana Dias Sambranel de. **As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- ARROTÉIA, Jéssica. **O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.
- BAKER, C.; PADDEN, C. A. Focusing on the nonmanual components of American Sign Language. In: SIPLE, P. (Ed.). **Understanding language through sign language research**. New York: Academic Press, 1978. p. 27-57.
- BAPTISTA, Fabrício. **F- Libras Ambiente Integrado de Ensino-Aprendizagem para Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação (Mestrado), Centro Universitário Eurípides de Marília, Marília, 2007.
- BENTO, Nanci Araújo. **Os parâmetros fonológicos: configuração de mãos, ponto de articulação e movimento na aquisição da Língua Brasileira de Sinais – um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- BRITO, L.F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- _____. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSB. **Espaço Informativo técnico-científico do INES**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 20-43, 1990.
- CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente**. São Paulo: UNESP, 2009.
- CRUZ, Carina Rebello. **Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da língua de sinais brasileira**. Dissertação (Mestrado), PUCRS, Porto Alegre, 2008.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Ministério da Educação. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da Libras: um estudo descritivo das mudanças fonológicas e lexicais.** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

EKMAN, P. **Unmasking the face.** Los altos, CA: Major books, 2003.

ELLIS, Rod. **Second language acquisition.** Oxford: Oxford University Press, 1997.

FELDER, R.M.; HENRIQUES, E.R. Learning and Teaching Styles and Second Language Education, in **Foreign Language Annals**, 28, N. 1, 1995, 21-31.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: curso básico.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2006.

_____. **O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais –Libras.** Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso vol.8 n.2 São Paulo jul./dez. 2013.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, E. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais. In: FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FINGER, Ingrid; QUADROS, R.M. **Teorias de Aquisição da Linguagem.** Santa Catarina: Editora da UFSC, 2008.

HORTÊNCIO, Germana Fontoura Holanda. **Um estudo descritivo do papel dos intérpretes de Libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová.** 2005. 108 folhas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

JUNIOR, Reinaldo Clemente. **Tree-Libras: especificação da tradução da língua portuguesa para Libras.** Monografia (Graduação em Ciências da computação), Centro Universitário Eurípedes de Marília, Marília, 2008.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos.** Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre. 1994.

_____. **Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda.** Tese (Doutorado), PUCRS, Porto Alegre, 1999.

KEGL, J.; WILBUR, R. **Where does structure stop and style Begin?** Syntax, morphology and phonology VS. Stylistic variations in American Sign Language. *CLS*, v.12, p. 376-396, 1976.

KENEDY, Eduardo: **Gerativismo in Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

KONIG, Roselene.; LEMES, Adriana. Aquisição da linguagem por crianças surdas. In: **Seminário intermunicipal de pesquisa.** Ulbra Guaíba, 2007. 13p.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos.** Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. **A identificação de unidades gramaticais na Libras: uma proposta de abordagem baseada no uso.** Todas as letras, Porto Alegre, v.15, p.62-87, 2013.

LIDDEL, S. K. **Non-manual signals and relative clauses.** in American Sign Language. In P. Siple. Understanding language through sign language research. New York: Academic Press, 1978.

_____. **Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL.** In EMMOREY K.; REILY, J. Language, Gesture and Space. NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

LURIA, Alexander Romanovich. **Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança.** 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 101p.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

MÉIER, R. **A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American sign language.** University of California, San Diego and The Salk Institute for Biological Studies. April. 1980

MURAD, Carla Regina Otávio. **Descompasso entre estilo de ensino/aprendizagem e os objetivos dos alunos.** Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2004.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca.** Dissertação (Mestrado), Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PETITTO & Marentette. Babbling in the Manual Mode: evidence for the Ontogeny of language. In **Science.** V. 251. American Association for the Advancement of Science. 1991, P. 1397-1556.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

_____. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de. **Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v.110, p.125-146, 1997.

_____. QUADROS, R. M.. **Língua Brasileira de Sinais I.** Material didático do curso de Letras LIBRAS a distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

QUADROS, R.M; CRUZ, C.R. **Língua de sinais, instrumentos de avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L. **Língua Brasileira de Sinais I.** Material didático do curso de Letras LIBRAS a distância. (Revisado), Florianópolis: UFSC, 2011.

QUADROS, R.M.; PIZZIO, A. L e REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão (CCE) Centro de Educação (CED). Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância, 2009.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho, 1998.

REILLY, J. **How faces Come to serve Grammar: tehe development of nonmanual morphology in American Sign Language**. In *Advances in the sign language development of deaf children*. New York: Oxford University Press, 2006.

RÉ, Alessandra Del et al. **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2012.

RIBEIRO, Emílio Soares. **A constituição sígnica da Libras: uma proposta intersemiótica**. Estudos Semióticos (USP), v. 6, p. 46-53, 2009.

ROSA, Andréia da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Petrópolis: Arara Azul, 1010.

SANDLER, W. **Phonological representation of the sign: linearity and nonlinearity in american sign language**. Dordrecht: Foris, 1989.

SANDLER, W.; LILO-MARTIN, D. **Sign Language and linguistic universals**. Cambridge University Press, 2006.

SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos. **Marcas da Libras e indícios de uma interlíngua na escrita de surdos em língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SANTOS, Robervaldo Correia dos. **Estrutura fonológica da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa: questões sobre a (in)dependência na estrutura linguística**. in *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, v. XVI, p. 1897-1907, 2012.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de Libras**. SEDUCSP, Praia Grande, 2012.

SILVA, Diná Souza da. **A atuação do intérprete de Libras em uma instituição de ensino superior**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, Gisele Mara da. **Parâmetros da Libras**. In: V Seminário Sociedade Inclusiva, 2009, Belo Horizonte. Anais do V Seminário Sociedade Inclusiva, 2009.

SILVA, Lídia da. **Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Curitiba: Fael, 2010.

SOUZA, Diego Teixeira de. **Língua Brasileira de Sinais: as dificuldades encontradas por utentes de língua portuguesa na execução da marcação não-manual e sua implicação na mudança de significado**. Monografia (Graduação em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. **Libras: as dificuldades apontadas por ouvintes na execução da marcação não-manual**. FURB: Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v.2, n.3, p. 279-290, 2009.

STOKOE, W. C. **Sign language structure: an outline of the communication systems of the American deaf.** *Studies in Linguistics: occasional papers.* Buffalo, NY: Department of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960. v. 8.

_____. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles.** Silver Spring, Md: Linstok Press, 1976

TEMÓTEO, Janice Gonçalves. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará:** um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do sítio Caiçara. Dissertação (mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

WILBUR, R. B. **Phonological and prosodic layering of nonmanuals in American Sign Language** .In EMMOREY K.; LANE HARLAN . *The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima.* New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers, 2000.

UNIVERSIDADE CAMILO CASTELO BRANCO. **Ead Libras:** parâmetros da Língua Brasileira de Sinais. Disponível em :
http://www.ead.unicastelo.br/arquivos_moodle/cursos.100/libras/conteudo/libras.tema3.pdf.
 Acesso em: 27 jul. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Libras II:** manual de aula. Centro de Comunicação e Expressão (CCE) Centro de Educação (CED). Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância, 2010.

WOLL, Bencie. **Language in sign:** an international perspective on sign language. London: Croom Helm, 1983.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras).** Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. **Variação fonológica na Libras:** um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção de sinais. In: seminários de teses em andamento (seta), 16., 2011, Campinas. Anais, Campinas, 2011. v. 5, p. 119-145.